















Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista - Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

A AGITAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL NO BRASIL DE 1910 NA VISÃO DE TRÊS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS



- 107 -









Lisboa / Rio Grande 2025 Ficha Técnica

Título: A agitação política e social no Brasil de 1910 na visão de três revistas ilustradas cariocas

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 107

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O FILHOTE. Rio de Janeiro, 20 jan. 1910 e 10 mar. 1910.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa Biblioteca Rio-Grandense Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2025

ISBN - 978-65-5306-051-7

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

Para os padrões brasileiros da época, com uma certa consolidação da forma de governo republicana, estabelecida a partir do regime de predomínio oligárquico, o ano de 1910 foi marcado por processos de significativa agitação. Tal ano iniciou sob a égide de uma acirrada disputa eleitoral para a Presidência da República, com o surgimento de uma candidatura oposicionista que trazia consigo uma dissidência entre as oligarquias dominantes. De um lado aparecia o candidato oficial, lançado pelo governo, o marechal Hermes da Fonseca, do outro, a oposição dissidente representada por Rui Barbosa. Ficava então estabelecida a Campanha Civilista que trouxe certa mobilização popular em torno de si, com o estabelecimento de um antagonismo entre militarismo e civilismo. Como era tradição naquele momento histórico, o candidato situacionista foi o vencedor nas eleições de março e, em 15 de novembro, Hermes da Fonseca assumia a Presidência. Uma semana depois de tal posse, estourou a Revolta dos Marinheiros no Rio de Janeiro, colocando em xeque as autoridades governamentais e revelando uma das tantas facetas que marcavam os desequilíbrios, contradições e idiossincrasias da sociedade brasileira. A imprensa teve um papel representativo na expressão desse clima agitado que marcou o país naquele ano, notadamente por meio das revistas ilustradas que ganhavam terreno no meio jornalístico brasileiro¹. Dentre esses magazines,

-

¹ Em relação às revistas no Brasil, ver: CAMARGO, Susana (coord.). *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora

tiveram bastante êxito em meio aos leitores os periódicos voltados ao gênero crítico-humorístico², que se manifestaram textualmente, caricaturalmente e por meio de registros fotográficos acerca do devir sócio-político de então. Nesse sentido, este livro aborda os olhares de *O Filhote* sobre a vida política brasileira naquele contexto, com especial atenção ao pleito eleitoral presidencial; a perspectiva da *Careta* a respeito dos momentos imediatos que cercaram a eleição à Presidência da República; e óptica da *Fon-Fon* acerca da Revolta dos Marinheiros.

UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder.* Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista.* 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil.* 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

² A respeito dos magazines ilustrado-humorísticos, observar: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 53-64.; e SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 290-334.

ÍNDICE

O cenário político brasileiro e as eleições presidenciais de 1910-na concepção de O Filhote / 13

A disputa eleitoral à Presidência da República em 1910 sob o prisma da *Careta |* 141

A Revolta dos Marinheiros de 1910 nas páginas da revista Fon-Fon/195

O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1910-NA CONCEPÇÃO DE *O FILHOTE*

Originado a partir da Careta, uma das mais importantes revistas ilustradas e humorísticas brasileiras, surgiu no Rio de Janeiro, em 1909, circulando até o ano seguinte, O Filhote da Careta, título depois simplificado para *O Filhote*, que era anunciado como "semanário ilustrado"³. Em linguagem figurada, a redação do periódico apontava para uma "maternidade" da *Careta* para consigo, e, portanto, teria a função de ser "do público a sincera opinião", uma vez "que o menino à mãe saiu". Como um recém-nascido, dizia que "ao vir à luz não chora" e sim "um riso nos lábios traz", de maneira que, junto "da alma popular, seu riso – embora o do epigrama – é salutar", sendo "infenso à sisudez e ao tédio"4. A folha pretendia abordar os "inevitáveis sucessos" da semana, definindo-se como uma publicação "chibante e alegre, a rir dos homens e das coisas, rir com o bom e saudável riso de quem não sofre de nefrites e hepatites", olhando "as piores coisas da vida com um bom-humor sólido e amável que se traduz assim: podia ser muito pior"5. De acordo com suas propostas editorias, a revista praticou a crítica social e a de costumes e, ainda mais recorrentemente, a de natureza política.

Na abordagem dos temas políticos, um dos destaques realizados por *O Filhote* esteve ligado à crítica política, buscando desmarcar as mazelas e os

³ CARETA. Rio de Janeiro, 11 set. 1909.

⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 16 set. 1909.

⁵ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 7 out. 1909.

malfeitos no cenário político nacional⁶. Nesse sentido, levando em conta o debate em torno da liberação dos jogos no país, o periódico comparava a vida política brasileira a uma grande jogatina praticada pelos homens públicos. No mesmo sentido, a folha acusava o conluio entre as autoridades públicas, inclusive as policiais, com a prática do "Jogo franco". A instalação de "caixas de lixo na capital" era vista como um gasto desnecessário frente às dificuldades de ordem social que assolavam o país7. Uma política de pacificação interna praticada pelo Presidente Nilo Peçanha junto de seus auxiliares, caía por terra como em um "concerto desconcertado", tendo em vista a agitação que tomava conta do Brasil. A perseguição a um cidadão suspeito de realizar críticas à política urbana de um detentor do poder executivo era denunciado em "Uma vítima"⁸. As autoridades públicas brasileiras chegaram a ser comparadas a cães completamente obedientes aos seus líderes. A inação de um administrador público era apontada em "O sono do Prefeito". A associação entre o conteúdo político e os jogos de azar retornou no diálogo entre três indivíduos, que concluíam que a política não passava de um jogo⁹. A ilustração "Nas alturas agrícolas" mostrava as dificuldades de acesso da população aos administradores públicos¹⁰.

_

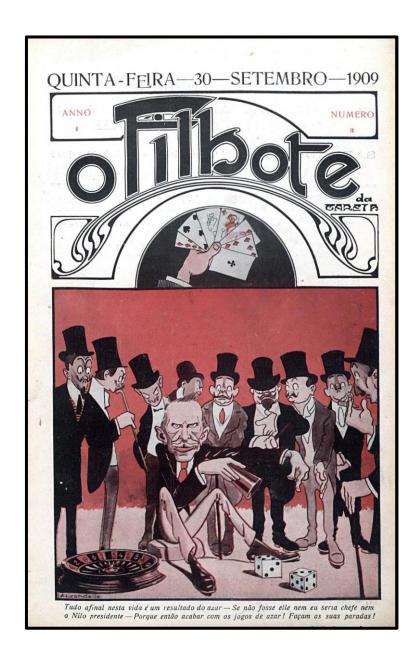
⁶ Sobre tal contexto, ver: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMARÃES, Juarez & STARLING, Heloisa Maria Murgel (orgs.). *Corrupção: ensaios e críticas.* 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

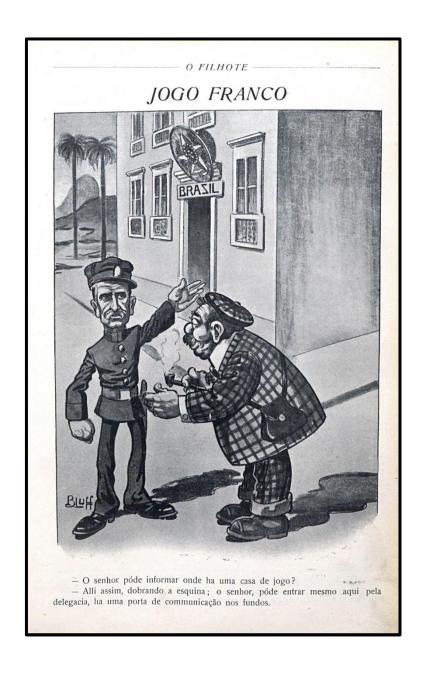
⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 30 set. 1909.

⁸ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 7 out. 1909.

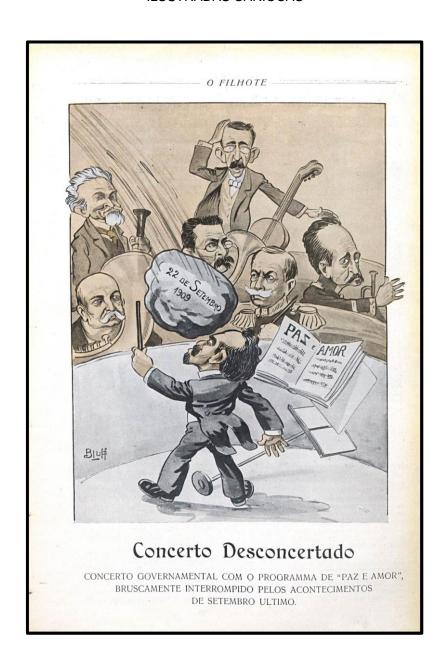
⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 14 out. 1909.

¹⁰ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 21 out. 1909.

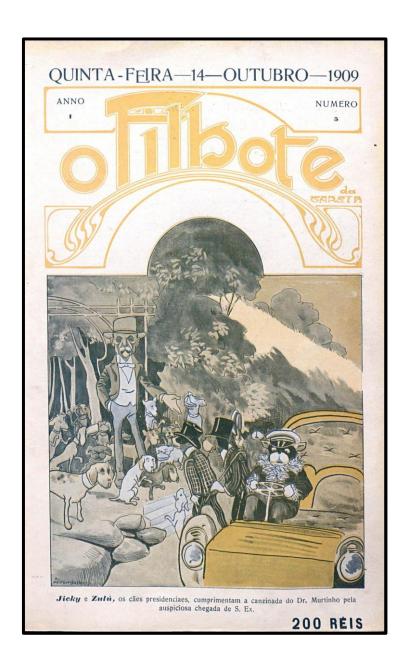


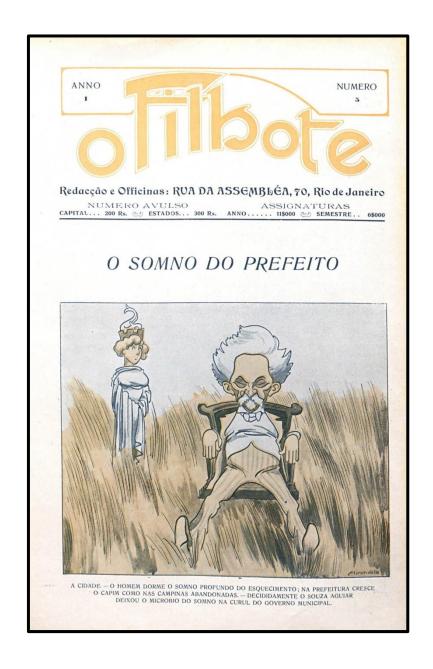




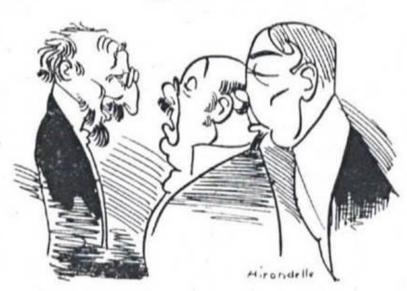








OJOGO



- Afinal não vejo pro que perseguir o jogo e permittir a politica.
 - Mas a politica...
- E' um jogo, sim senhor; não vê como o Pinheiro joga espadas.



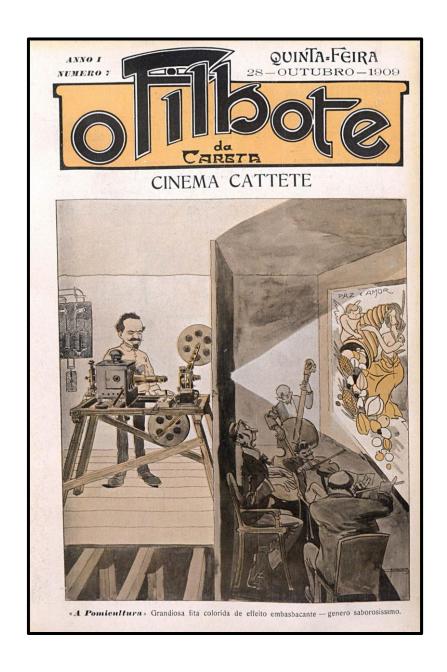
Em "Cinema Catete", era denunciada a velha política do "pão e circo", adaptada para os tempos hodiernos, com o Presidente utilizando-se do cinema para enganar a população. Outra caricatura trazia "Os males da política", com uma mulher vestida em andrajos que se preocupava com o envolvimento de seu marido com a "maldita política", que iria reduzi-la à miséria¹¹. Os políticos se faziam presentes também em "Perceberam?", aparecendo como comerciantes desonestos¹². A denominada "indústria da seca", que se referia ao desvio de verbas destinadas a combater a carência de água no Nordeste, foi tratada em "Nos sertões do Norte". A representação do povo brasileiro aparecia apresentando um "Projeto para o novo edifício do Congresso", no qual a reforma no prédio previa um espaço mínimo para a sala de sessões, ficando todo o restante destinado ao conforto, ao lazer e à assistência dos parlamentares, de modo que, assim, viria plenamente ao encontro da intenção dos mesmos de constantemente se locupletar e fazer valer a preeminência de seus interesses pessoais¹³. O chaleirismo, ou seja, a adulação política para a obtenção de vantagens, era visto como um hábito tão comum no Brasil, que não respeitava nem mesmo o ambiente funéreo¹⁴.

¹¹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 28 out. 1909.

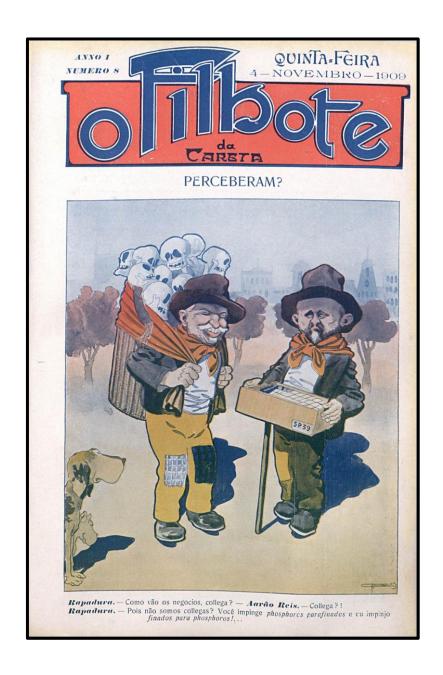
¹² O FILHOTE. Rio de Janeiro. 4 nov. 1909.

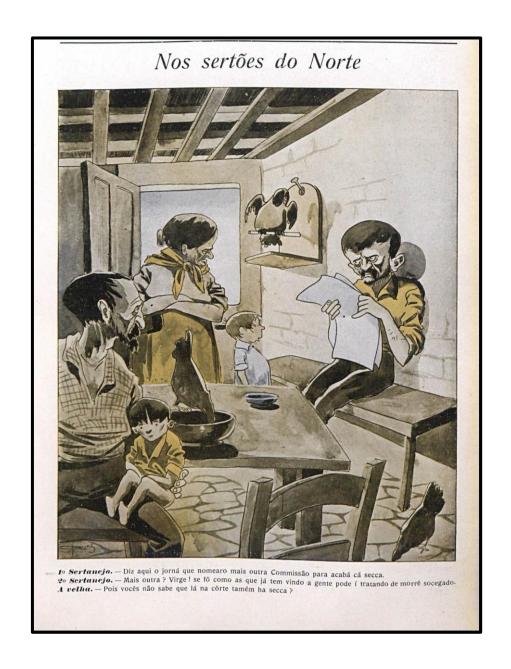
¹³ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 4 nov. 1909.

¹⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 11 nov. 1909.











O FILHOTE -

Chaleirismo funereo

O tumulo do Marechal Deodoro foi muito visitado. Diversas pessoas deixaram cartões de visita. (Dos jornaes)



Ella. - Para quem é este cartão?

Elle. — Pois não vês que este é o tumulo da avó do Director da minha repartição? Quero ver se cavo uma promoção na primeira reforma que houver.

O aniversário da República serviu como oportunidade para a crítica ao modelo vigente, com a dama republicana – tradicional símbolo da forma de governo – aparecendo como uma mulher prostituída, entregue à farra junto dos políticos, enquanto Benjamin Constant, considerado um dos fundadores do regime, tal qual um Diógenes, de lanterna à mão, procurava um homem honesto¹⁵. A má administração governamental, especificamente quanto à pasta voltada aos temas agrícolas, era vista como tão grave, que chegava ao ponto de trazer a anarquia para o país¹⁶. Na mesma linha, um agricultor pedia ajuda para a figura feminina que representava a gestão agrícola, a qual era negada, pois ela estava mais preocupada com as ações políticas. Os gastos excessivos com embarcações de guerra eram criticados em "Os dreadnoughts"17. Uma certa dicotomia entre a continuidade dos progressos urbanos e a preservação da natureza era tratada em "As palmeiras do Mangue", em que administrador público considerava que os bens naturais não teriam "importância política" 18. As disputas territoriais entre Santa Catarina e Paraná eram vistas como movidas por interesses meramente financeiros, para desespero da dama republicana¹⁹. A situação política nacional, representada pela figura de uma mulher desenhada na parede, com traços desprovidos de beleza, era vista como tétrica, a partir da boataria que estaria a espalhar-se pelo país. Em "Simbolismo político", a mulherrepública era vista como uma figura suspeita, que sustentava as campanhas

-

¹⁵ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 11 nov. 1909.

¹⁶ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 2 dez. 1909.

¹⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro. 9 dez. 1909.

¹⁸ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 23 dez. 1909.

¹⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 6 jan. 1910.

políticas por meio de foguetórios, banquetes plataformas e manifestações vazias de conteúdo²⁰. Em termos da administração municipal, um Prefeito era acusado de gastar dinheiro público em obras de pouca utilidade, levando em conta "As grandes novidades"21, bem como apontado como um político de decisões unipessoais, que não levava em conta dos demais integrantes da máquina pública²². Na forma de uma máscara, a hipocrisia era observada como uma marca registrada da vida política nacional. Já o carnaval aparecia como um lenitivo para as agruras do povo brasileiro, que poderia afastar-se das ações da miséria e da política²³, embora, terminada as festas de Momo, havia a necessidade do retorno à rotina, com o enfrentamento de tais males²⁴. A data alusiva à promulgação da Constituição de 1891 também foi oportunidade para a crítica, com a carta representada por uma figura feminina com o corpo do formato de livro e uma férula à mão, no sentido do poder coercitivo da lei, embora ela estivesse colhendo "mais uma traça nas prateleiras de sua preciosa existência", em referência à pouca utilização que a mesma vinha tendo na orientação da vida nacional e, na mesma oportunidade, a lei magna voltava a assumir a forma humana, aparecendo como uma avó, completamente dominada pela vontade de seus netos, que designavam as duas casas parlamentares²⁵.

_

²⁰ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 13 jan. 1910.

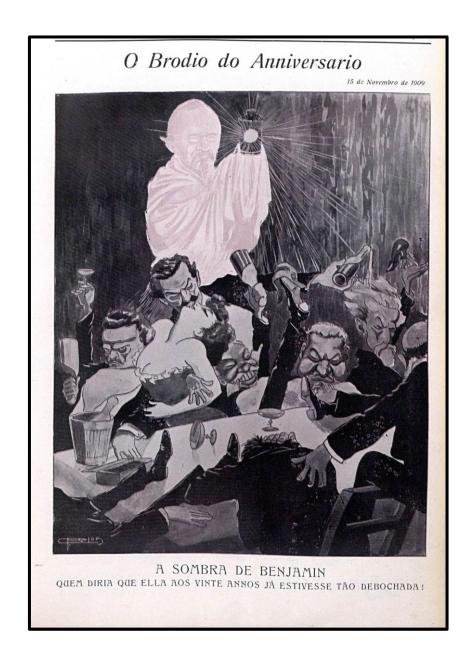
²¹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 20 jan. 1910.

²² O FILHOTE. Rio de Janeiro, 27 jan. 1910.

²³ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 3 fev. 1910.

²⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 10 fev. 1910.

²⁵ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 24 fev. 1910.



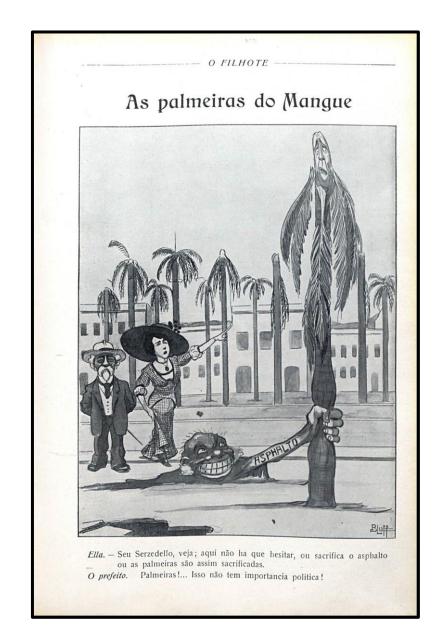


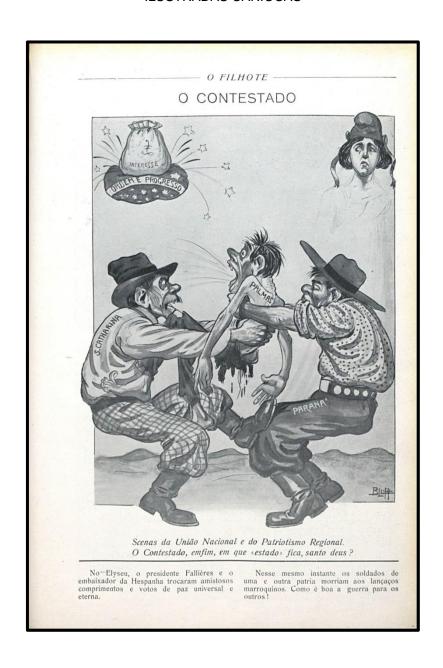
NA ROÇA

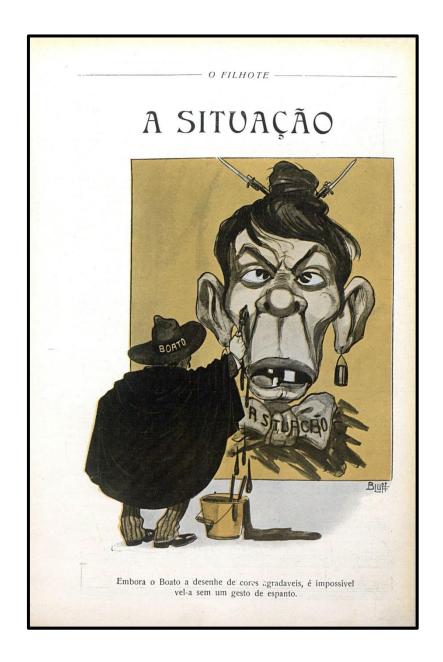


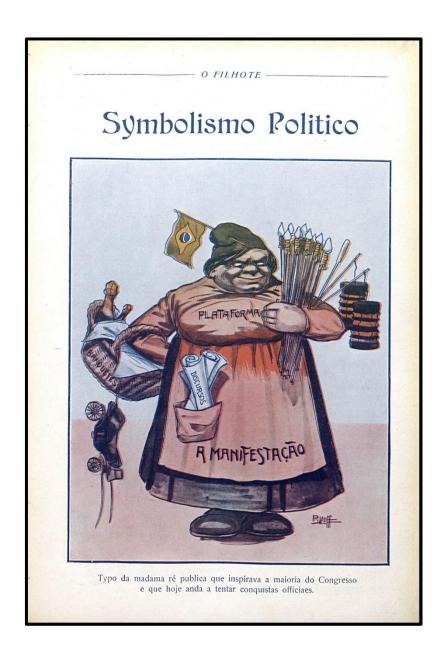
O Agricultor. — Entonce, sinhá dona, ja sei que agora vai se occupá seriamente de nois. A Agricultura. — Meu velho, tem paciencia, só daqui a alguns annos... Por emquanto ainda estou numa repartição... politica!



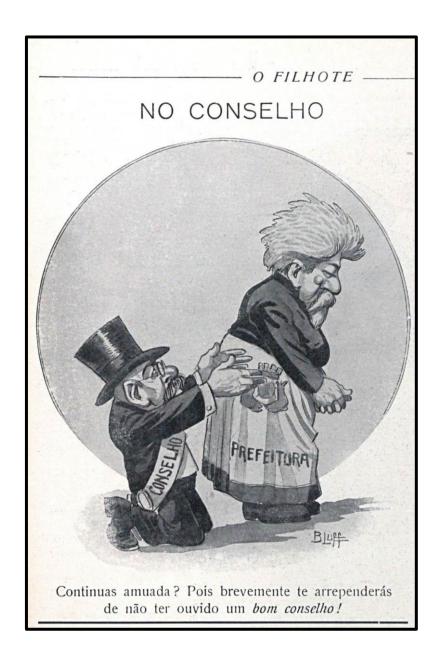


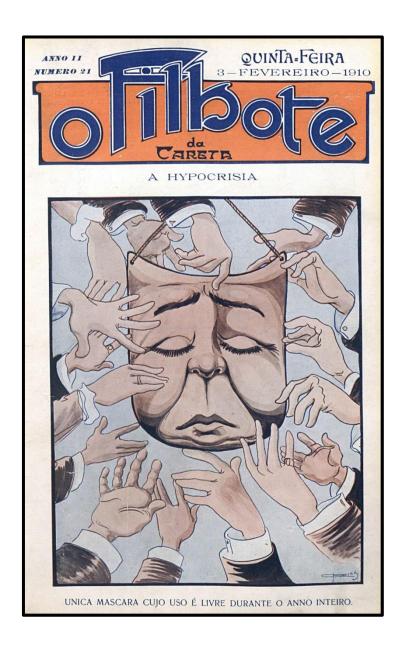


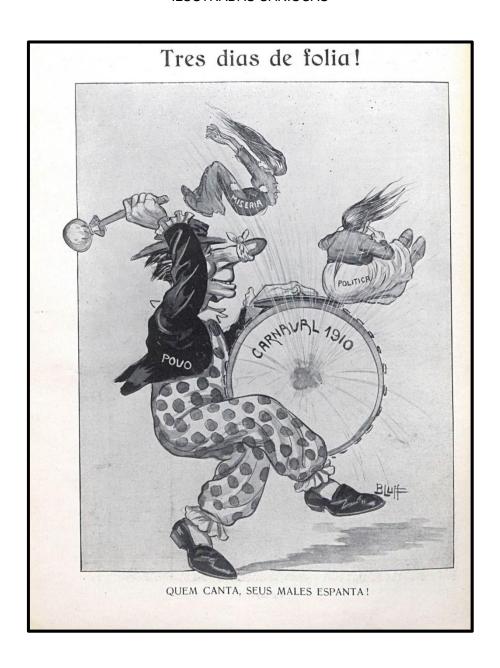


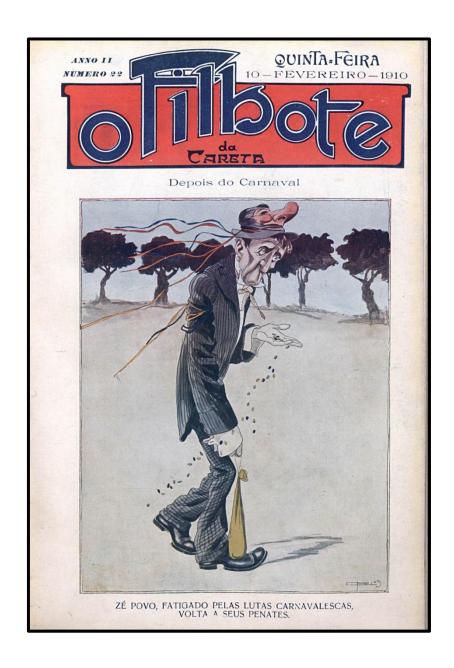




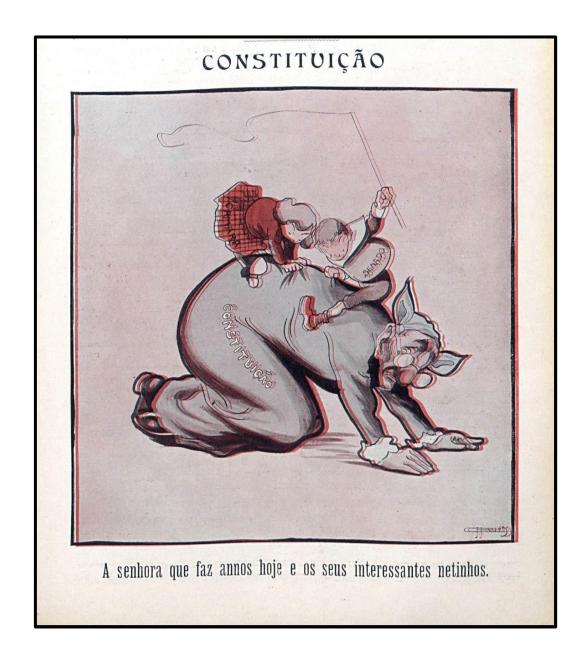












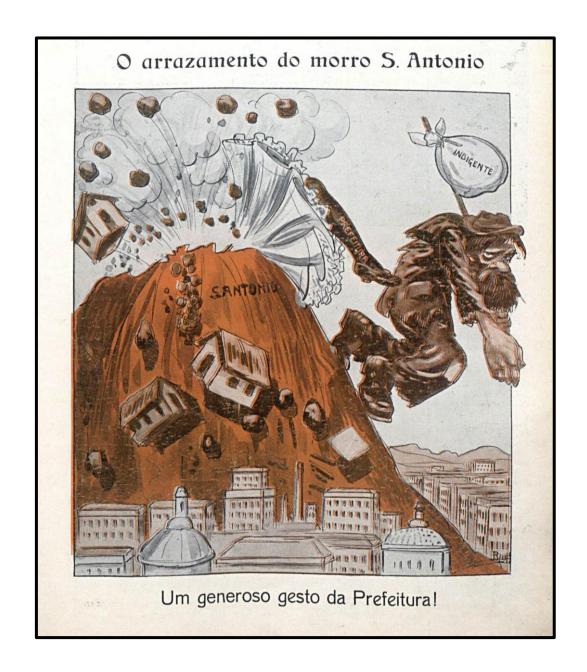
As verbas públicas aplicadas em reformas urbanas, sem levar em conta os interesses dos segmentos sociais menos favorecidos eram demonstradas em "O arrasamento do Morro Santo Antônio"26. Mais uma denúncia de gatos desmesurados em material bélico ocorria em "A República do aço", no qual a dama republicana tinha de carregar uma enorme belonave em seus ombros, com a indicação do "Povo", de que ela teria de aquentar "o peso" de suas "responsabilidades", tema reforçado no diálogo entre dois indivíduos, em "Uma hipótese racional"27. A retomada dos trabalhos parlamentares era vista como uma revoada de papagaios, tradicional representação de tais políticos, mais preocupados com os discursos do que com as ações. A expressão elefante branco, para os gastos públicos desmesurados, aparecia na crítica à aquisição do navio de guerra Minas Gerais, na caricatura intitulada "O elefante dos mares" 28. A mensagem presidencial como um espetáculo cinematográfico de pouco conteúdo para enganar a República era apontada em "Cinemadroga". Em referência ao aumento dos aluquéis, o "Povo" se espantava com as águias do Palácio do Catete – símbolo do poder presidencial, alçarem voo²⁹.

²⁶ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 3 mar. 1910.

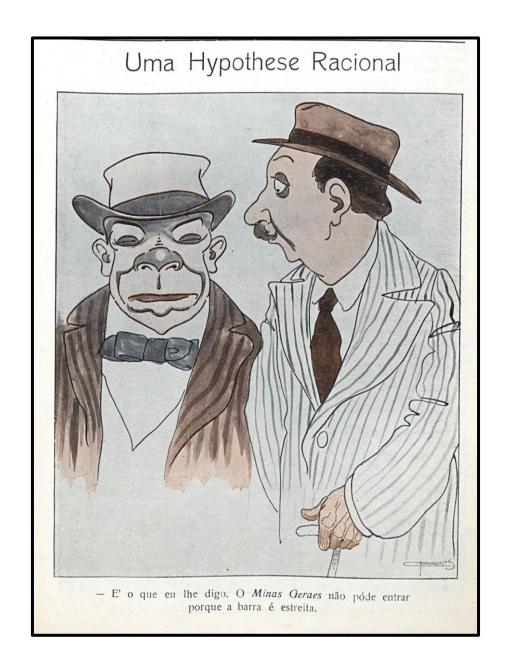
²⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro. 14 abr. 1910.

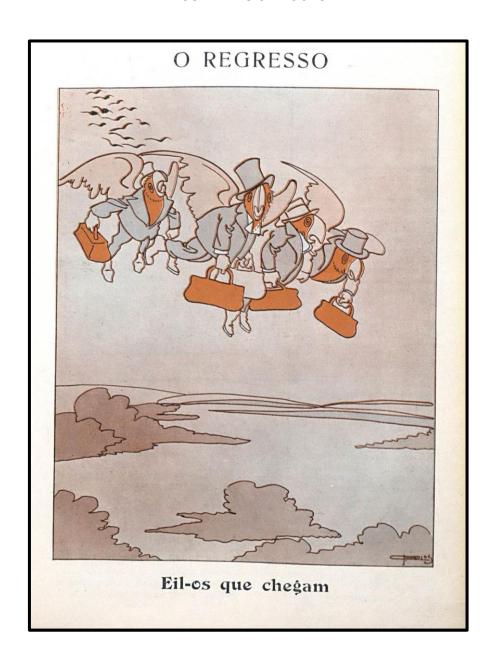
²⁸ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 28 abr. 1910.

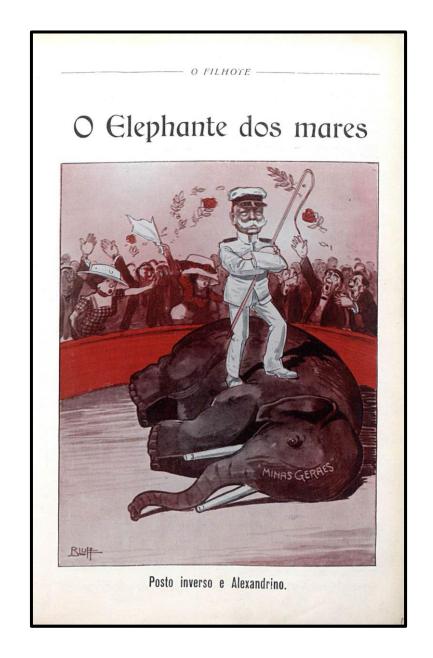
²⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 12 maio 1910.

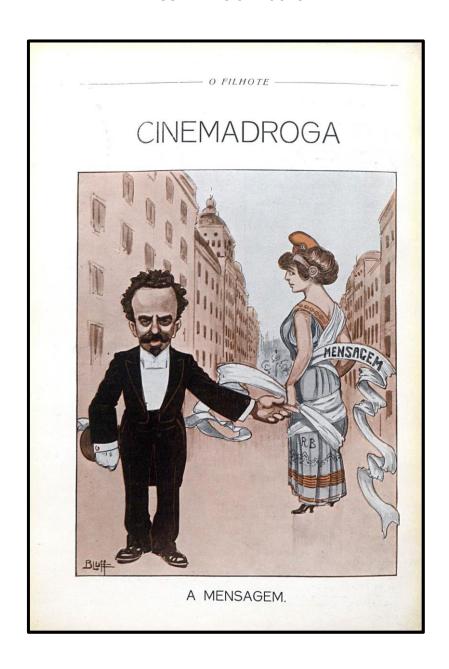














Ainda no que tange à abordagem de temas políticos, um dos enfoques de O Filhote esteve também vinculado à política exterior brasileira, com ênfase ao tema das negociações quanto às fronteiras do país, ao contexto sul-americano e a presença do capital internacional no Brasil³⁰. Nesse contexto, o chanceler brasileiro, Barão do Rio Branco, exerceria um protagonismo em meio às representações caricaturais, como foi o caso de "Paz e amor", no qual ele exercia o papel de mediador entre os interesses argentinos e bolivianos, representados por duas meninas de barrete frígio – tradicional símbolo das repúblicas³¹. Em outro cenário, o Barão era convidado a dançar pela figura feminil que designava a politicagem, obtendo uma negativa de parte do ministro, que preferia permanecer irmanado com os personagens que representavam alguns dos países sul-americanos³². No que tange ao capital estrangeiro, a revista mostrava "O melhor freguês", no qual o Presidente da República buscava negociar sem sucesso com John Bull – tradicional representação do imperialismo britânico – o pagamento da dívida brasileira por meio de frutas³³. Jocosamente, em "Negócios da China", o magazine intentava mostrar os esforços do Barão do Rio Branco na ampliação de mercados para o Brasil³⁴. As querelas entre Brasil e Argentina eram tratadas em "No mundo da diplomacia" 35.

_

³⁰ Acerca da política externa brasileira, observar: CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 2.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

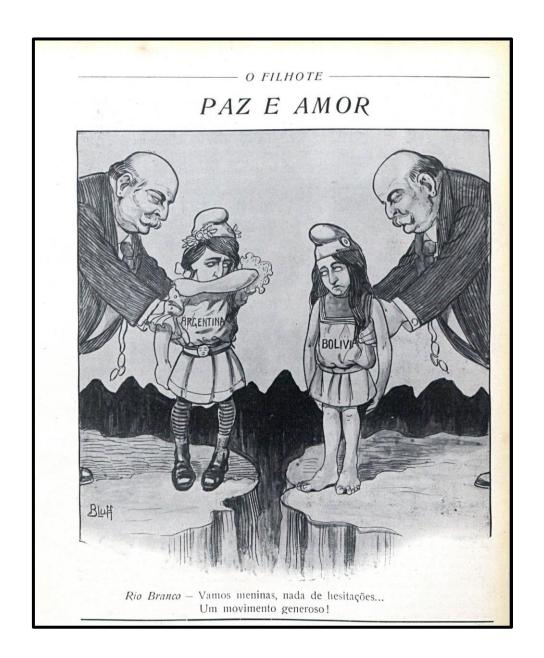
³¹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 30 set. 1909.

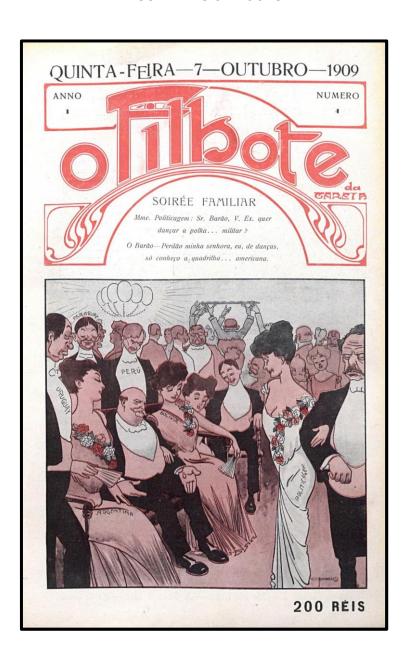
³² O FILHOTE. Rio de Janeiro, 7 out. 1909.

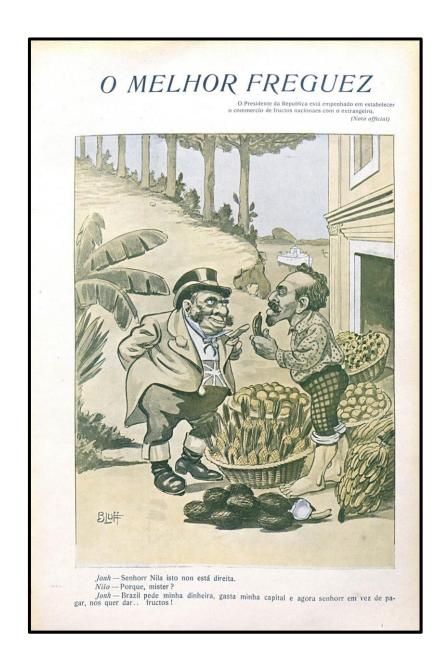
³³ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 14 out. 1909.

³⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 21 out. 1909.

³⁵ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 28 out. 1909.







Negocios com a China Principe. — Ji-ri-by cor-fú tcheú yang tzé kiang pat-chu-li? Barão. — Pi-ri-be-buy, chin-cha-fó an-dará-y-mocotó ji-cky pi-pi tchim-bum!— (O Sr. Napoleão Reys, a quem pedimos a traducção destas phrazes explica-nos que o Barão, consultado pelo Principe sobre a protecção a industria chineza, responde que quanto ao arroz e aos fogos de artificio só o Nho é que pode resolver o caso.

No Mundo da Diplomacia

Barão. — Decididamente aquelle jornal «La Razon» declarou-me uma guerra feroz!

Julio Fernandez. — Pero felizmente mi gobierno tiene bastante juizo y no está con «La Razon.»

O aplauso à política internacional empregada por Rio Branco voltava a aparecer em representação caricatural na qual o periódico sugeria que se a diplomacia argentina quisesse ter sucesso, deveria espelhar-se nas práticas do chanceler brasileiro³⁶. A figura do responsável pela pasta dos assuntos exteriores aparecia com ares heroicos, de arma em punho, velando pelo sono da dama republicana e defendendo as fronteiras brasileiras dos ataques da imprensa argentina³⁷. Os desacertos da diplomacia portenha eram mais uma vez apresentados em "Política internacional", no qual os argentinos debatiam em pleno Rio da Prata, enquanto a aura de Rio Branco e de uma belonave brasileira pairavam no ar³⁸. A obstrução oposicionista na Câmara dos Deputados aparecia como um empecilho para a conclusão do Tratado da Lagoa Mirim, que definia as fronteiras brasileiro-uruguaias³⁹. Os enfrentamentos diplomáticos brasileiro-argentinos chegaram a ser comparados a um jogo de sinuca, em "Carambolagem política"40. John Bull voltava a se fazer presente nas páginas do magazine carioca, dessa vez satisfeito com o desembolso financeiro realizado pelo Brasil para atender os compromissos assumidos com a Grã-Bretanha⁴¹...

³⁶ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 25 nov. 1909.

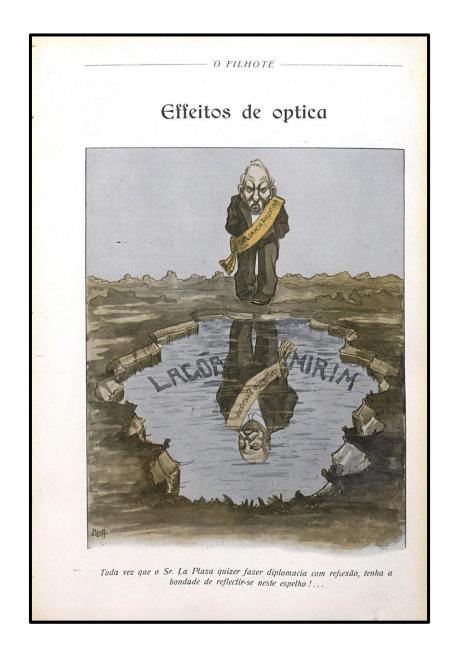
³⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 16 dez. 1909.

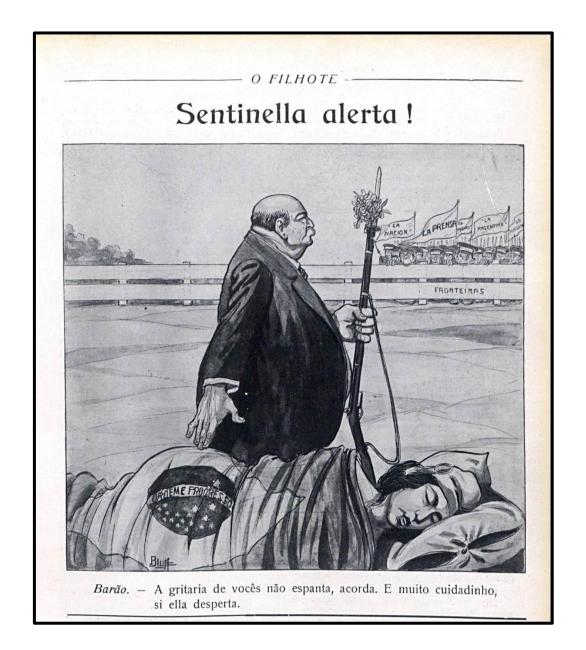
³⁸ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 30 dez. 1909.

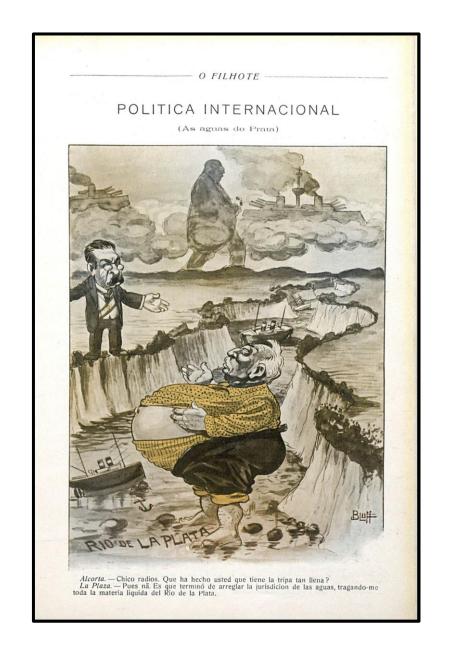
³⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 6 jan. 1910.

⁴⁰ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 13 jan. 1910.

⁴¹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 3 fev. 1910.













As dificuldades para o fechamento das tratativas com o Uruguai, a partir do bloqueio parlamentar, voltavam a figurar, com um desolado Rio Branco, em

um navio encalhado⁴². O pernicioso papel do capital internacional para a economia brasileira era denunciado em caricatura na qual John Bull inflava as finanças do Brasil como um balão gigantesco, ou seja, de maneira artificial, podendo vir a desinflar a qualquer momento. Os sucessos do Barão do Rio Branco no ajuste das fronteiras nacionais era simbolizado pela sua figura com a mão estendida, demonstrando cada uma das regiões em que sua ação fora exitosa⁴³. A conclusão do Tratado da Lagoa Mirim foi representada por uma abraço entre Rio Branco e a dama republicana que, em um pequeno bote, hasteavam as bandeiras dos dois países 44. Enquanto algumas nações sulamericanas, sob a égide do deus clássico da guerra, se enfrentavam entre si, o chanceler brasileiro aparecia como um propugnador da paz e defendendo a dama republicana uruguaia⁴⁵. A publicação via como indecente a mulherrepública brasileira, nua e recebendo um "banho de ouro" de John Bull, em alusão aos malefícios do incremento à divina externa⁴⁶. A Argentina foi vista também como uma ameaça aos projetos de unidade americana, com o seu representante aparecendo como um cometa que, tal qual "um cataclismo iminente", colocava em risco uma conferência entre seus vizinhos de continente⁴⁷.

_

⁴² O FILHOTE. Rio de Janeiro, 7 abr. 1910.

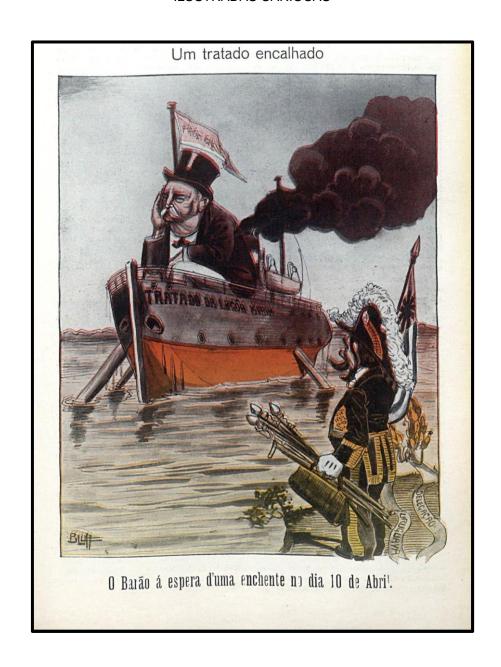
⁴³ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 21 abr. 1910.

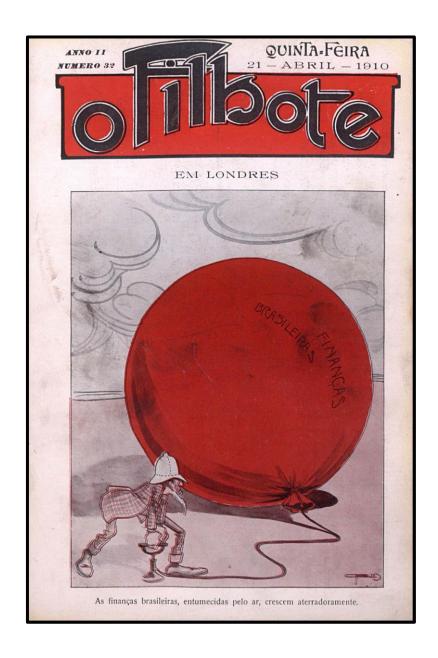
⁴⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 28 abr. 1910.

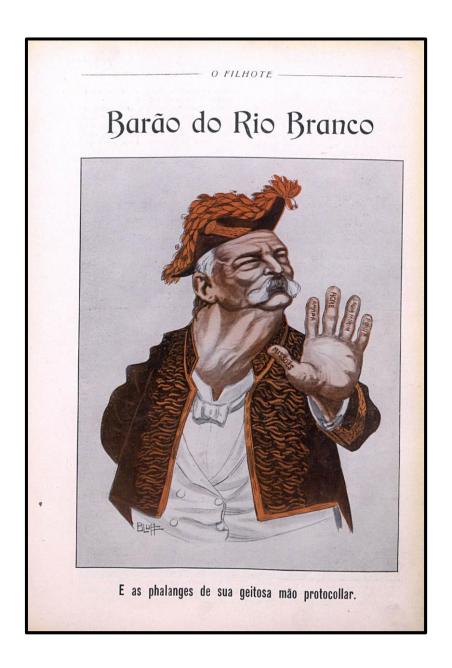
⁴⁵ O FILHOTE, Rio de Janeiro, 5 maio 1910.

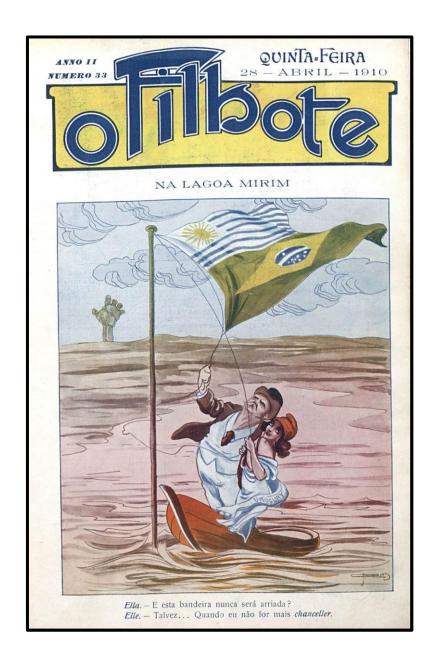
⁴⁶ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 5 maio 1910.

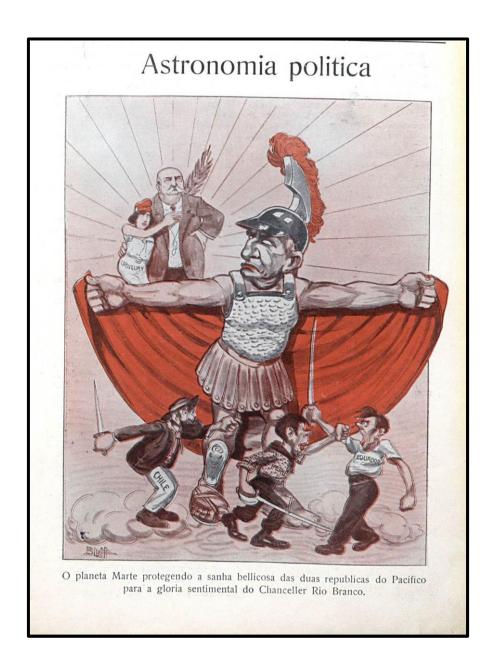
⁴⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 19 maio 1910.

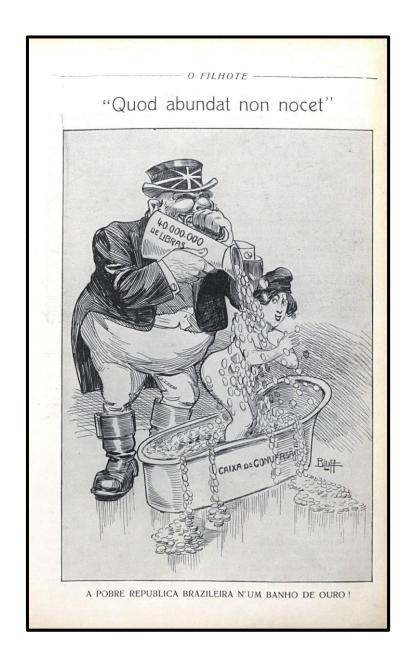


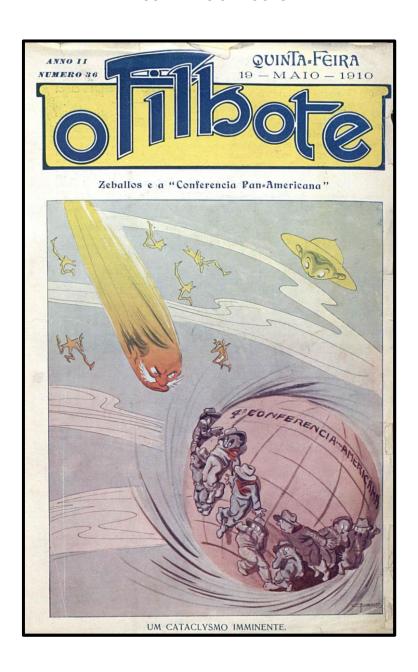












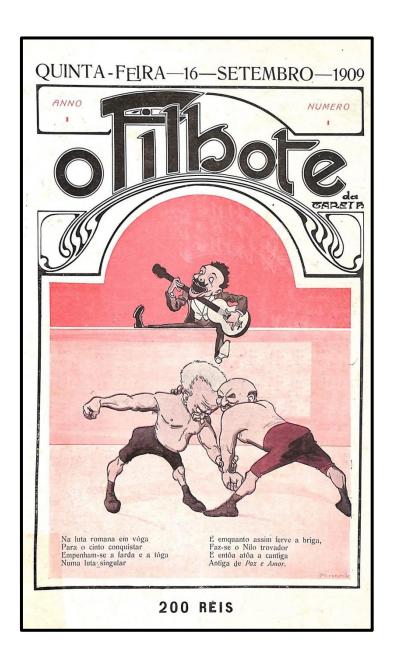
A disputa eleitoral entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, antagonizando a perspectiva governista e a oposicionista, assim como a militarista e a civilista⁴⁸ foi um tema abordado recorrentemente nos registros imagéticos de *O Filhote*. Em meio a tal material iconográfico a arte caricatural teve papel especial na expressão do processo eleitoral à Presidência da República. Isso já ficou demarcada na capa da edição inaugural do periódico, que mostrava Rui e Hermes enfrentando-se em uma luta romana, enquanto o Presidente Nilo Peçanha tocava violão, em referência à propalada política de pacificação que estaria propondo. A temática da sucessão aparecia também em cenas do cotidiano, como em "Equilíbrio social", na qual um flerte servia de pretexto para aludir aos civilistas e aos militares. Militar e civil foram dois termos que surgiram em um jogo de palavras no diálogo entabulado em "O absurdo na política"49. A capa da segunda edição retomava a do número inaugural, na qual Nilo Peçanha acabava se envolvendo na luta entre Fonseca e Barbosa, utilizando sua viola para participar da briga, enquanto no lugar que ocupava anteriormente - sobre um muro - aparecia um gato preto, em referência ao mau agouro que tal animal inspirava. Levando em conta a profissão do candidato Hermes da Fonseca, um possível eleitor se via na obrigação de voluntariar-se como militar. O enfrentamento eleitoral era observado até mesmo em meio aos restauradores monarquistas, em "A adoração dos magos"50.

-

⁴⁸ Acerca dessa disputa eleitoral, verificar: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da "política do café com leite"*. 2.ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

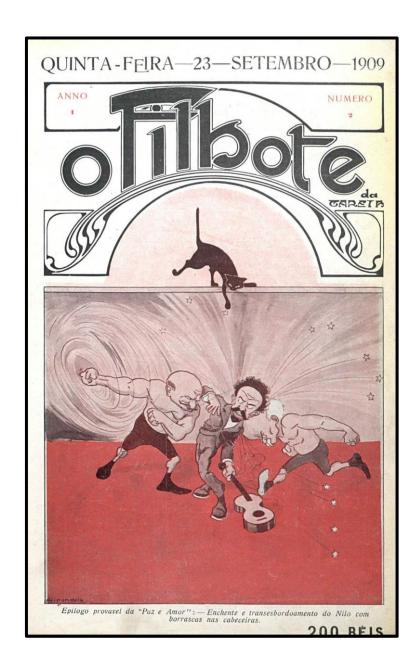
⁴⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 16 set. 1909.

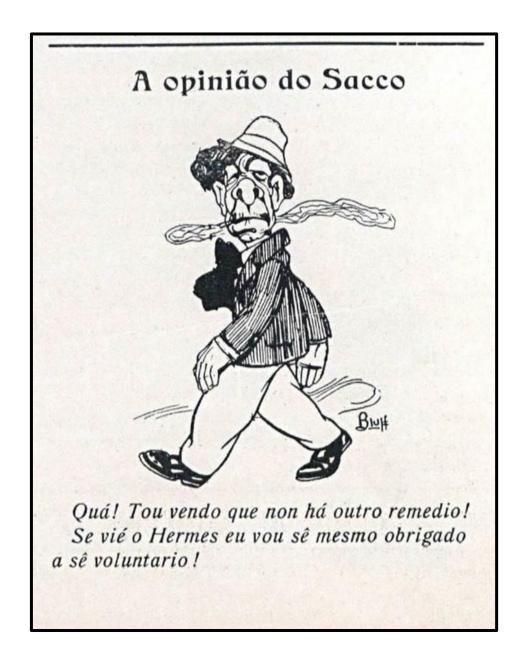
⁵⁰ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 23 set. 1909.













A "Coerência política" era o tema de caricatura no qual um indivíduo se mostrava como um apoiador incondicional de Hermes da Fonseca. O sobrenome do candidato à Vice-Presidente pela chapa governista, Venceslau Brás, era tratado com jocosidade em "Política de rua", que trazia uma conversa na qual um dos interlocutores dizia que aquele político contaria com "três quartos do Brasil", parecendo aludir ao tamanho do eleitorado mineiro, mas que se referia apenas aos nomes "Brás" e "Brasil"51. Uma nova capa do magazine apresentava "Indecisão desconcertante", na qual a alegoria que representava a população brasileira, o "Zé Povo", se mostrava hesitante quanto à roupa que escolheria para sair, com as opções do traje civil e da farda militar, em referência aos candidatos que disputavam o pleito eleitoral. O Ministro das Relações Exteriores brasileiro, o Barão do Rio Branco, era destacado como estando acima do conflito eleitoral, observando a partir de um "ponto de vista" superior, pelo qual observava como seria "pequenina" a "luta de candidaturas" 52. Com a figura de Pinheiro Machado, liderança hermista, ao fundo, a "candidatura militar", em uma feição feminina, assumia o papel de ser uma "tentação" a São Paulo, em alusão à oligarquia paulista que decidira pelo apoio ao civilismo, sem obter sucesso em seu intento. A bipolarização política do momento ficava demarca em "O partido", segundo a qual nem sempre seria possível enquadrar um indivíduo como "civilista" ou "hermista"53.

⁵¹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 14 out. 1909.

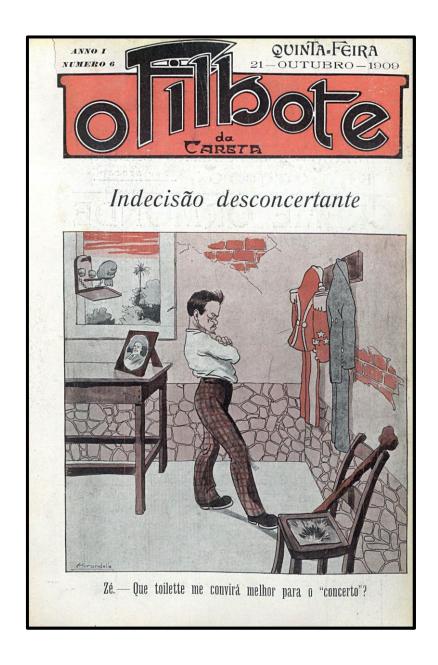
⁵² O FILHOTE. Rio de Janeiro, 21 out. 1909.

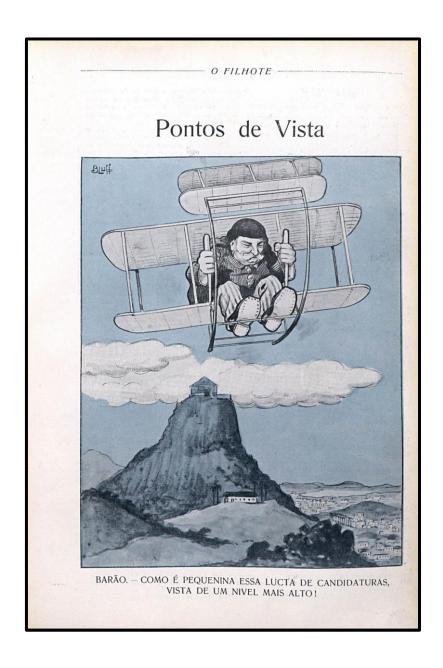
⁵³ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 28 out. 1909.

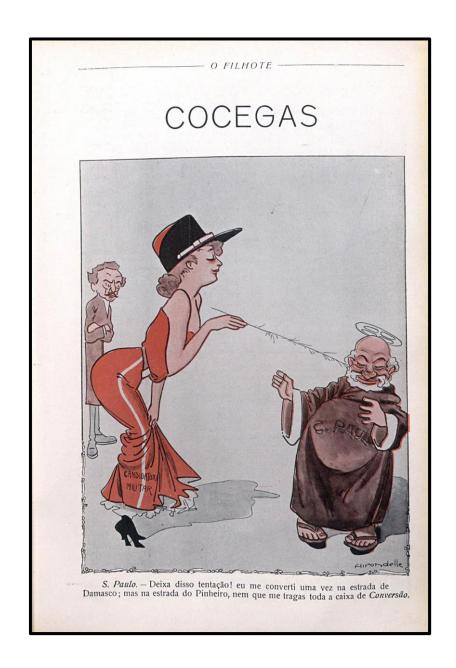


Eu cá sou militarista até á ultima; vivo a fazer meus «pés-de-alferes» e conservo-me celibatario só para não me casar no *civil*.











Na qualidade de candidato, Rui Barbosa aparecia como uma "Ameaça civil", garantindo maior transparência nos documentos públicos, mormente os

relacionados à política externa. A partidarização do Congresso Nacional surgia em "Ordem e progresso", em que a alegoria da forma de governo, a dama republicana, suplicava a um parlamentar que desse andamento a um projeto, ao que o parlamentar se negava, pois seria mais relevante o debate em torno das candidaturas à Presidência⁵⁴. A capa em alusão ao 15 de Novembro, trazia a mesma figura alegórica feminil como "A República militar", apontando para a perspectiva de que tal caráter poderia vir a se intensificar no futuro. Ainda levando em conta "O vigésimo aniversário" da forma de governo, a dama republicana era assediada por um hermista e um civilista que, respectivamente, lhe ofereciam buquês compostos de "flores com espinho" e "flores de retórica", gerando a desconfiança da figura feminina, que considerava ambos amáveis, mas cujas intenções seriam duvidosas⁵⁵. Uma suposta tentativa de Rui Barbosa no sentido de conquistar apoios por meio de verbas públicas ofertadas a políticos sempre ávidos por mamarem nas tetas do tesouro da nação, era vista como infrutífera, tendo em vista as medidas presidenciais que teriam coibido esse tipo de atitude. A tradição natalina de colocação de sapatos na espera por presentes foi destacada em "As boas festas da política", na qual esta presenteava o "Povo" com uma dura espiga que representava as "candidaturas presidenciais", que deveria ser engolida por inteiro e a seco, enquanto ele agisse como um "imbecil" 56.

_

⁵⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro. 4 nov. 1909.

⁵⁵ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 11 nov. 1909.

⁵⁶ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 30 dez. 1909.

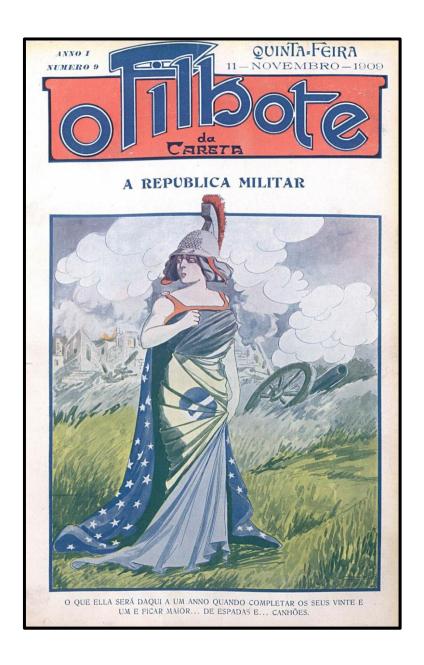


Ordem e Progresso



A Patria. — Pelo amor que tem ao subsidio, senhor Deputado, dê-me andamento a este projecto...

O Pae da Patria. – Impossivel minha fill a! Estou occupadissimo em justificar perante o mundo, a minha attitude em face das candidaturas!



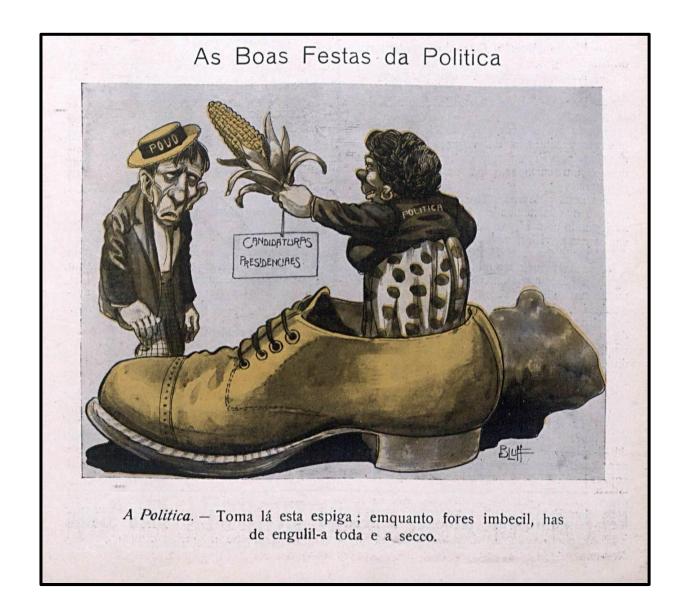
O FILHOTE -

O Vigesimo Anniversario



A REPUBLICA. — Muito amaveis, não ha duvida, mas as intenções é que são ellas. . .





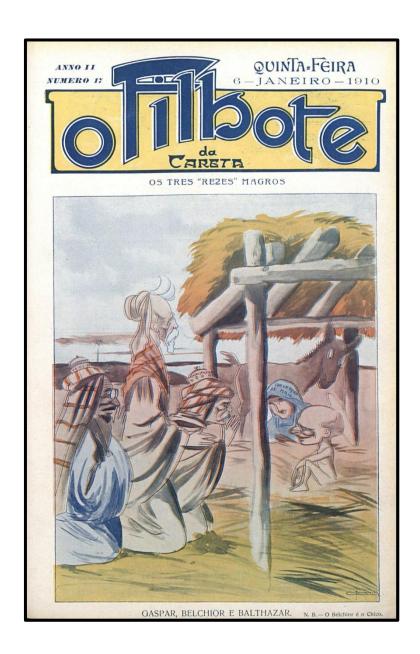
O tradicional "Dia de Reis" era o mote da primeira edição de 1910, com os políticos fazendo o papel dos "três 'reses' magros", enquanto Hermes da Fonseca seria o menino Jesus e a convenção que lhe indicara como candidato fazia as vezes de Maria⁵⁷. Mais uma capa retratava "A emboscada" sofrida pela alegoria feminina que designava a Presidência da República, que se via premida entre duas figuras sem face, identificadas pelo "militarismo" e pelo "civilismo", servindo o Zé Povo como um entristecido narrador⁵⁸. A Presidência era vista ainda como uma moça casadoira, aparecendo o parlamentar gaúcho Pinheiro Machado como "O pai da pequena", que, à janela, observava a aproximação dos dois pretendentes, Rui e Hermes. Uma acusação que passou a ser imputada aos dissidentes oposicionistas, que apoiavam Rui Barbosa, quanto a defenderem ideais revolucionários em caso de derrota nas urnas, foi demonstrada pelo periódico como uma péssima intenção, pois os levaria à beira do precipício, tendo ao fundo uma série de baionetas caladas, ou seja, à sua simbólica morte política. Tal perspectiva era retomada em ilustração na qual o "Cometa Halley" era visto como uma "bernarda", ou seja, uma revolta, que poderia tornar-se "visível e palpável" no dia das eleições⁵⁹. "O pleito" foi simbolizado ainda como uma bomba prestes a explodir, com o pavio sendo aceso pelo civilismo e pelo militarismo, aparecendo o Zé Povo acorrentado a um poste e tendo apenas um guarda-chuva para defender-se da explosão⁶⁰.

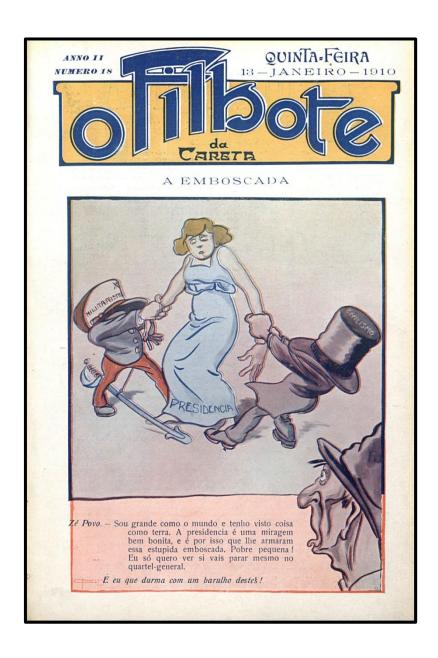
⁵⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 6 jan. 1910.

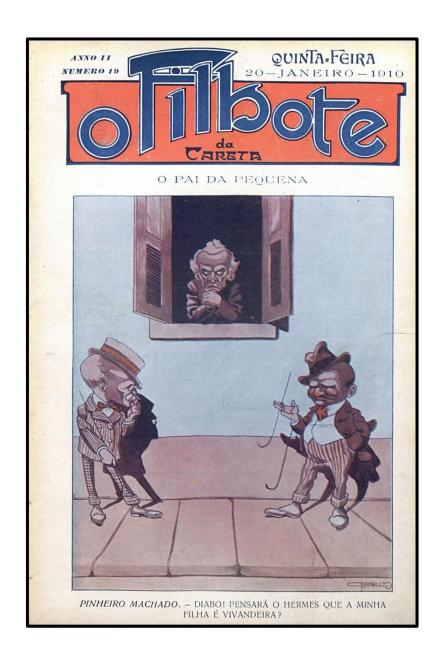
⁵⁸ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 13 jan. 1910.

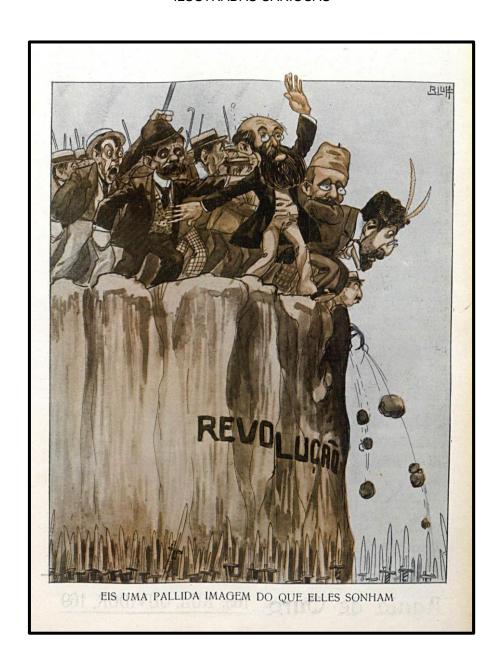
⁵⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 20 jan. 1910.

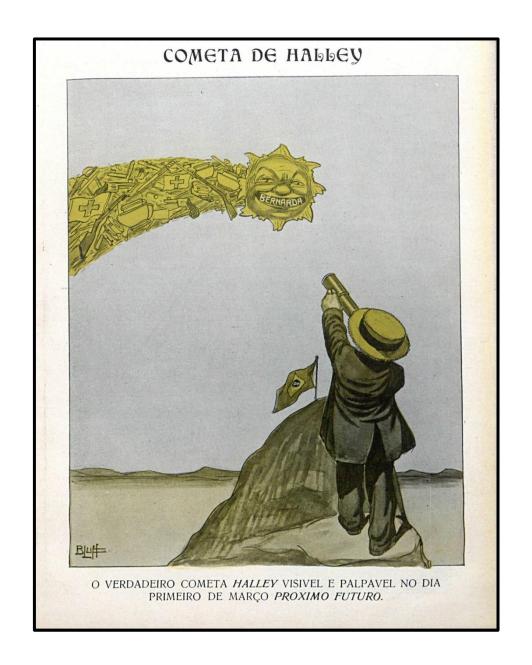
⁶⁰ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 27 jan. 1910.

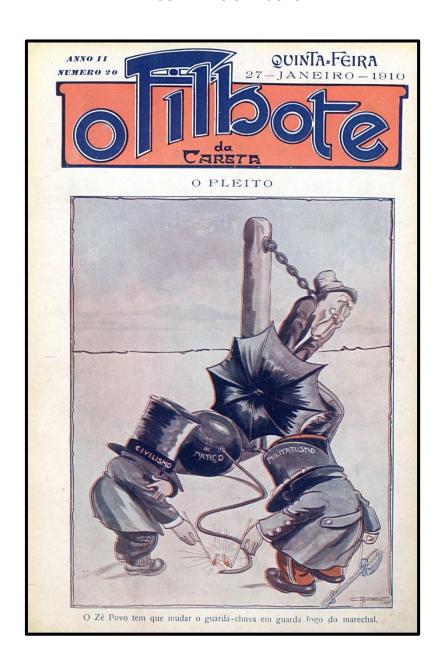












O cidadão brasileiro era visto mais uma vez como a principal vítima do processo eleitoral, sendo apresentando "O povo entre duas plataformas", surgindo Rui e Hermes como motorneiros que conduziam seus respectivos bondes direcionados ao Palácio do Catete - símbolo do poder presidencial -, ambos em caminho de colisão, aparecendo o Zé Povo nos trilhos, bem no ponto de impacto, sendo previsto um "choque inevitável e desastre iminente" 61. O tom negativo era também a marca de "A voz das urnas", em que um diálogo trazia um presságio pessimista para com as eleições. Com jocosidade, a folha mostrava "O despertar do civismo!", no qual sugeria um carro alegórico composto pela alegoria da dama republicana buscando trazer alguma harmonia entre um "civilista" e um "hermista", contando com vários ferimentos, oriundos dos enfrentamentos que moverem entre si⁶². A data da eleição era vista como a culminância das lutas entre o civilismo e o militarismo, surgindo a urna como uma boate que poderia trazer surpresas, ou ainda assumindo um caráter funerário em alusão a "uma pátria que se suicida", sendo que o espírito de altercação permanecia nas figuras que guardavam a urna, prontos a agrediremse mutuamente⁶³. A verificação do resultado eleitoral chegou a ser representada pela figura do Zé Povo arrombando a urna, em busca do nome do vitorioso. A apuração era vista ainda como a política, sob o olhar atento de Rui e Hermes, torcendo o rabo da porca, revelando que ali estava o cerne da questão⁶⁴.

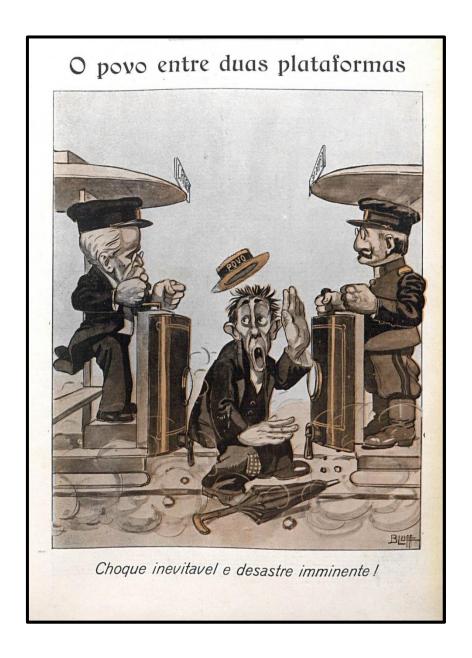
-

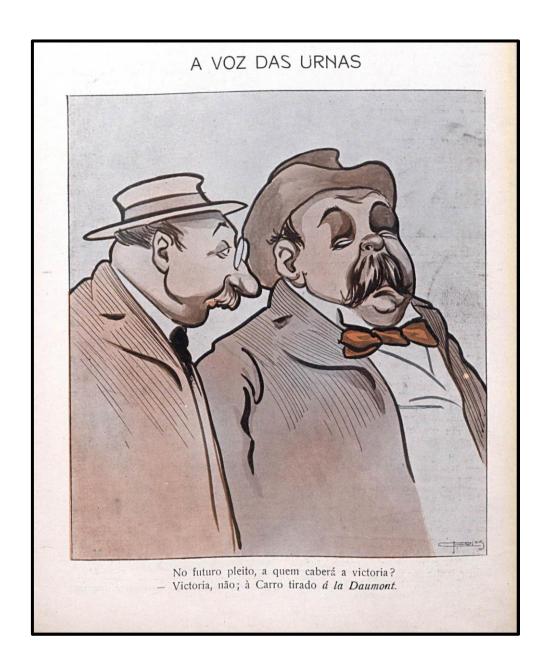
⁶¹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 27 jan. 1910.

⁶² O FILHOTE. Rio de Janeiro, 10 fev. 1910.

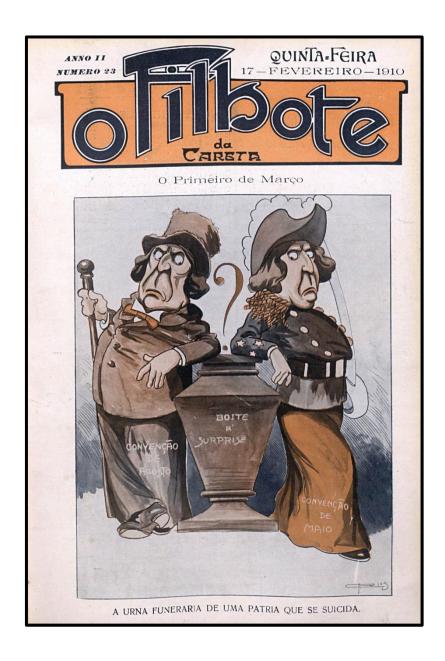
⁶³ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 17 fev. 1910.

⁶⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 3 mar. 1910.

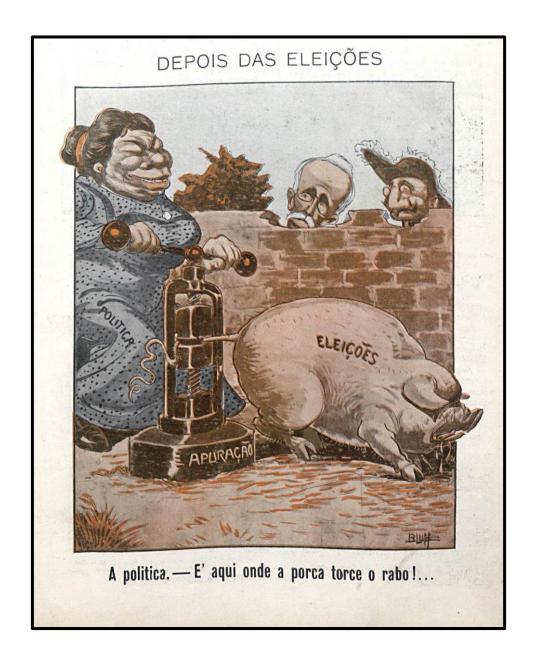












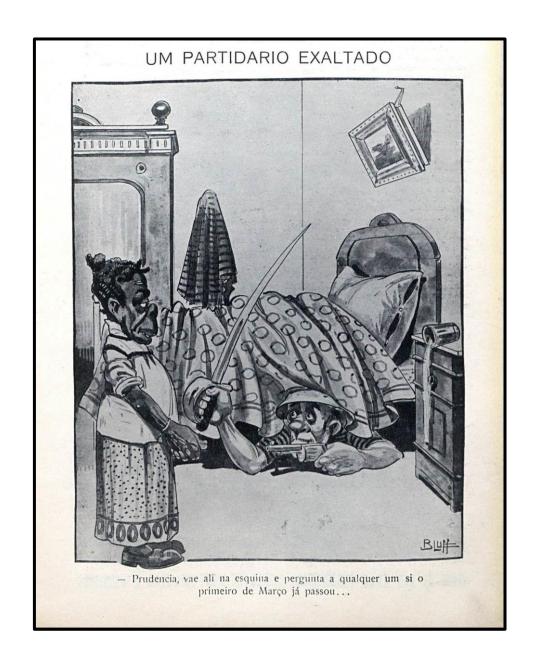
Uma radicalização exagerada que teria marcado a campanha eleitoral era observada pelo prisma do gracejo, na representação de "Um partidário exaltado" que pretendia saber se o dia da eleição estava encerrado, estando fortemente armado, mas, ao mesmo tempo, escondido sob a cama⁶⁵. O resultado das eleições foi ainda simbolizado em "A verdade das urnas", com os votos espalhados pelo chão, ao passo que dois indivíduos mal-encarados buscavam macular a pureza da alegoria feminina que representava a "liberdade" eleitoral. A cena mudava drasticamente com a presença de um ambiente interiorano no qual se encomendava acomodação para um parlamentar que apoiara a candidatura de Hermes da Fonseca⁶⁶. Em mais uma capa, *O Filhote* chamava atenção que a ascensão política do marechal Hermes devia-se muito ao decisivo apoio do político sul-rio-grandense Pinheiro Machado, do qual era mostrada apenas uma manopla que elevava o candidato militar às alturas. O papel do capital internacional na decisão dos destinos do Brasil aparecia em "Papai Rothschild", no qual o banqueiro elogiava o comportamento do "menino-Brasil" durante as eleições, dizendo-lhe que ele poderia prosseguir brincando com o navio de brinquedo – alusão ao *Minas Gerais*, recentemente adquirido – e com os seus "bonecos", no caso os candidatos Hermes e Rui, com a ressalva de que não poderia estragá-los, pois se tratavam da "alma dos negócios" 67.

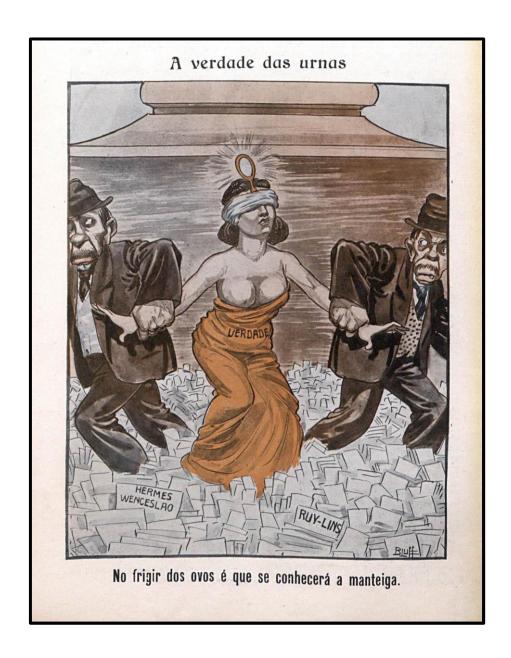
-

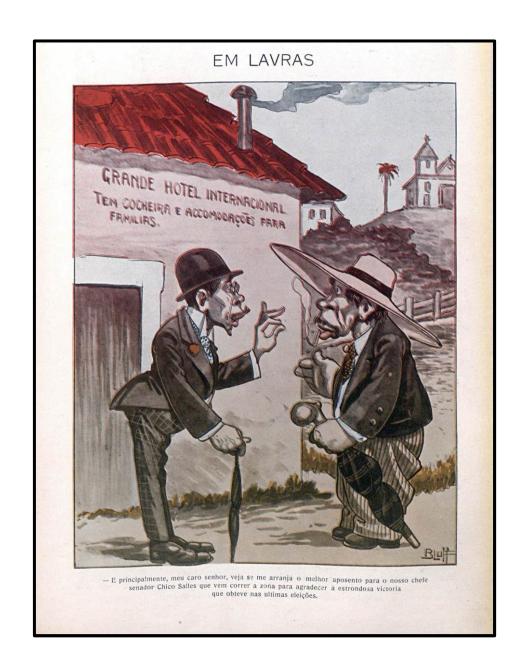
⁶⁵ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 3 mar. 1910.

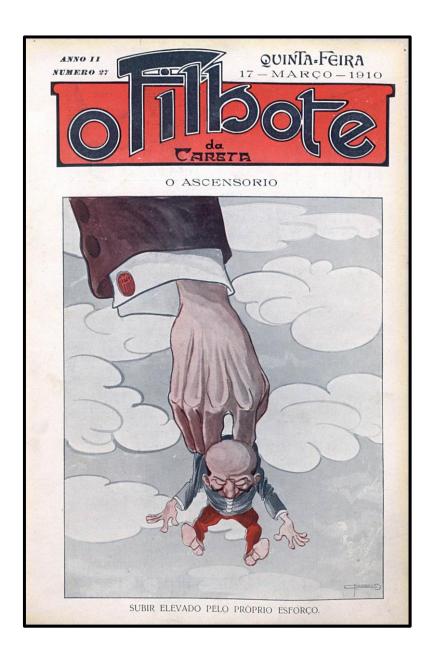
⁶⁶ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 10 mar. 1910.

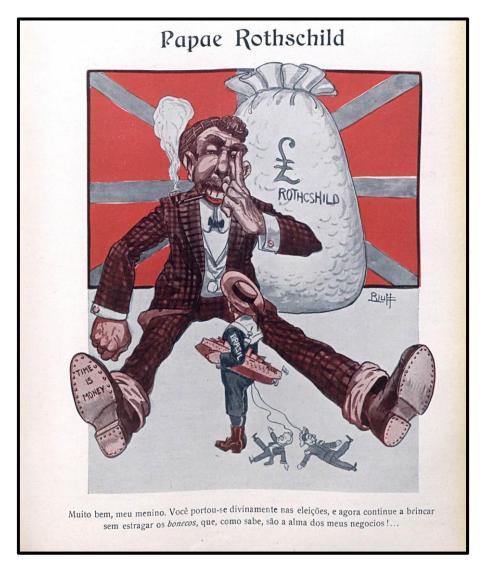
⁶⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 17 mar. 1910.











A tradição da malhação de Judas, costume pelo qual um boneco representando algum personagem da atualidade, que teria contado com a

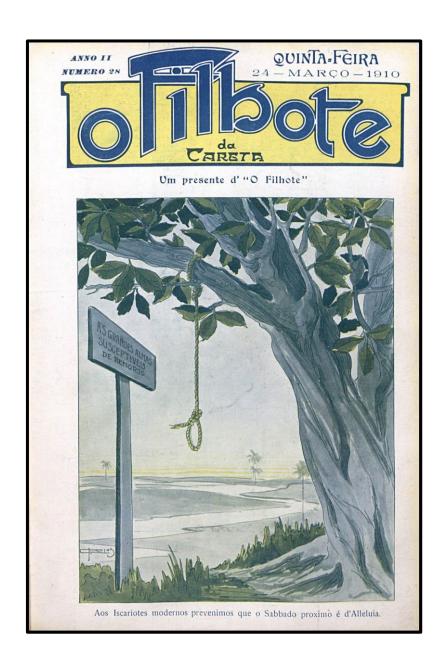
desaprovação popular, era enforcado a um poste ou a uma árvore, sendo-lhe infligidas pauladas por parte da população, era lembrada em "Um presente de O Filhote", que trazia a corda da forca associada à placa que se referia "às grandes almas suscetíveis de remorso", além de prevenir "aos Iscariotes modernos que o sábado próximo é de Aleluia", em referência à data religiosa na qual transcorria aquele hábito, de modo que ficava aberto o espaço para que cada um sugerisse um possível Judas, de acordo com seu arrependimento diante do processo eleitoral que recém se encerrara⁶⁸. Uma ventilada possibilidade de uma inelegibilidade de Hermes da Fonseca, que não se confirmaria, foi simbolizada por uma figura feminina que, como um "carrapato", fazia todo o esforço para impedir que o militar viesse a se sentar na cadeira presidencial. As "convicções" em torno das candidaturas presidenciais eram contestadas pelo semanário, que apontava o papel fundamental do jornalismo na formação da opinião pública, ao mostrar uma mulher que representava o Estado de Minas Gerais despejando uma fortuna em um funil que aludia "à imprensa hermista", resultando em múltiplas matérias elogiosas ao marechal, em clara referência ao jornalismo que se deixava comprar, aparecendo o Zé Povo a constatar que "é assim que se escreve a história"69. A mesma perspectiva se dava quanto à imprensa internacional, cujas intenções ao elogiar Hermes estariam articuladas ao capital financeiro, embora jocosamente o Zé Povo cogitasse uma presença argentina⁷⁰.

⁻

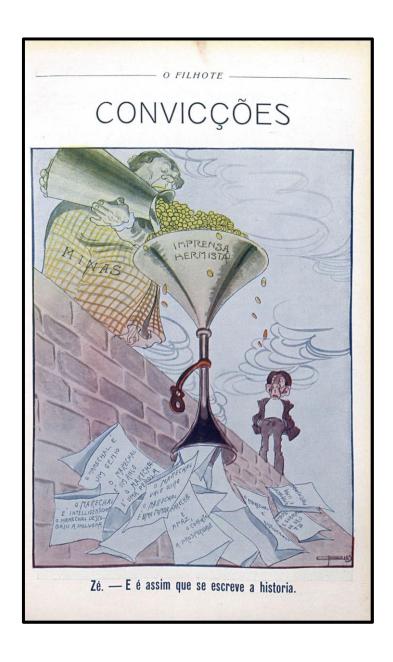
⁶⁸ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 24 mar. 1910.

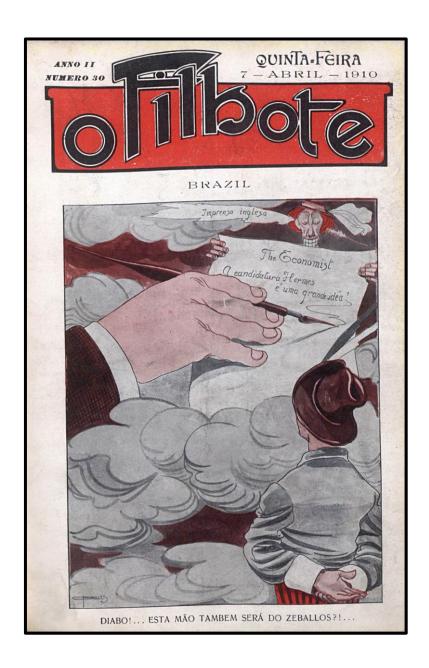
⁶⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 31 mar. 1910.

⁷⁰ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 7 abr. 1910.









A outra estratégia imagética utilizada por *O Filhote* para se referir às eleições presidenciais foi a da fotografia. Ainda que tal inserção tenha sido em menor quantidade, a folha chegou a trazer aos leitores algumas fotorreportagens, nas quais, em geral, a intenção foi a de demonstrar um considerável apoio a cada uma das candidaturas, com a presença de grande público nas atividades promovidas pelos partidários de cada uma das frentes. Nesse sentido, foi publicada "Manifestação ao Senador Rui Barbosa", em auditório no qual o candidato palestrava⁷¹; "A volta do marechal", ao Rio de Janeiro, sendo acompanhado por um cortejo de seus companheiros de armas e populares; "A apoteose em São Paulo", mostrava o desembarque de Rui em tal Estado, onde defendera "a reação civilista"72; um "Movimento da política" mostrava o movimento no Teatro Municipal onde o marechal apresentara sua plataforma de governo, bem como trazia dois registros do candidato à Vice, Venceslau Brás⁷³; o "Embarque do Senador Rui Barbosa" em direção à Bahia⁷⁴; "A volta de Rui Barbosa", quando teria sido recebido por uma "onda humana" 75; também foi apresentada "A partida do marechal" em direção ao Rio Grande do Sul⁷⁶; e ainda mais uma presença de Rui Barbosa saindo do cinema por uma porta alternativa, de modo "a evitar as manifestações populares"77.

-

⁷¹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 7 out. 1909.

⁷² O FILHOTE. Rio de Janeiro, 23 dez. 1909.

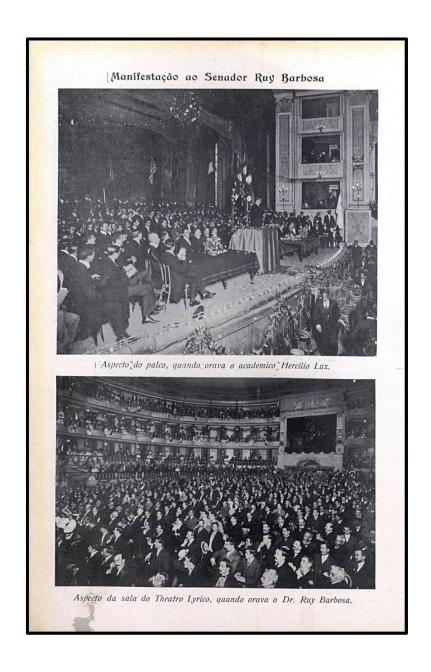
⁷³ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 30 dez. 1909.

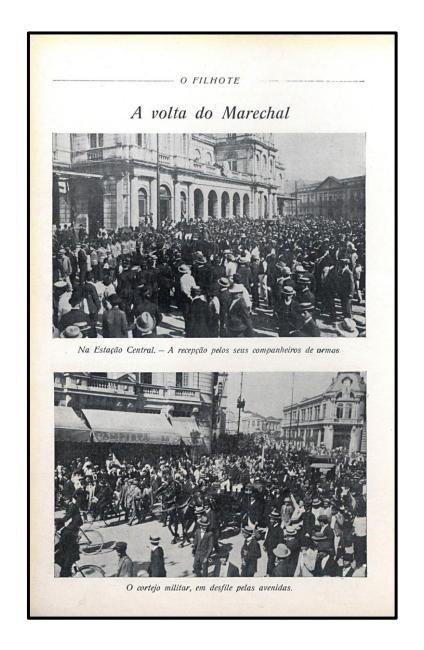
⁷⁴ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 20 jan. 1910.

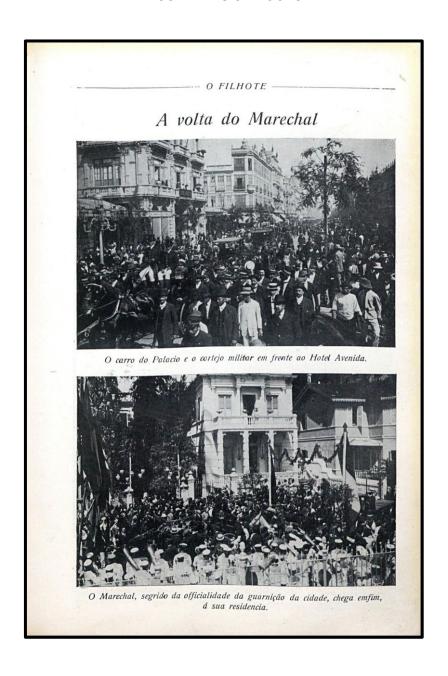
⁷⁵ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 27 jan. 1910.

⁷⁶ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 10 fev. 1910.

⁷⁷ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 10 mar. 1910.







O FILHOTE -

A apotheose de S. Paulo



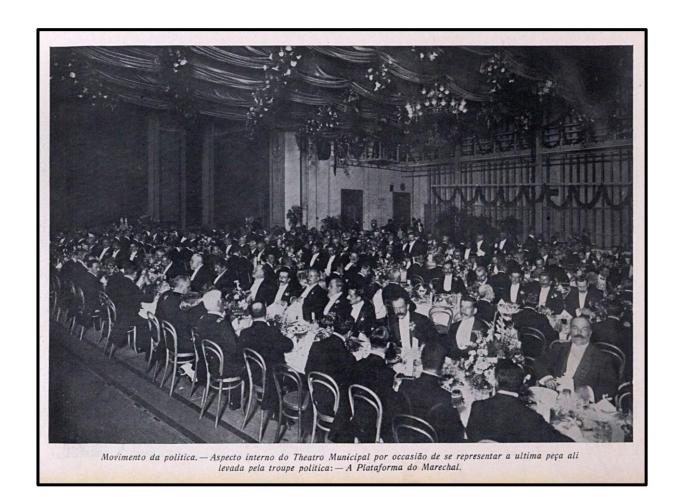
O desembarque do Senador Ruy Barbosa em S. Paulo, onde produziu os immortaes discursos dignificando a alma da nossa Patria, e glorificando a reacção civilista.

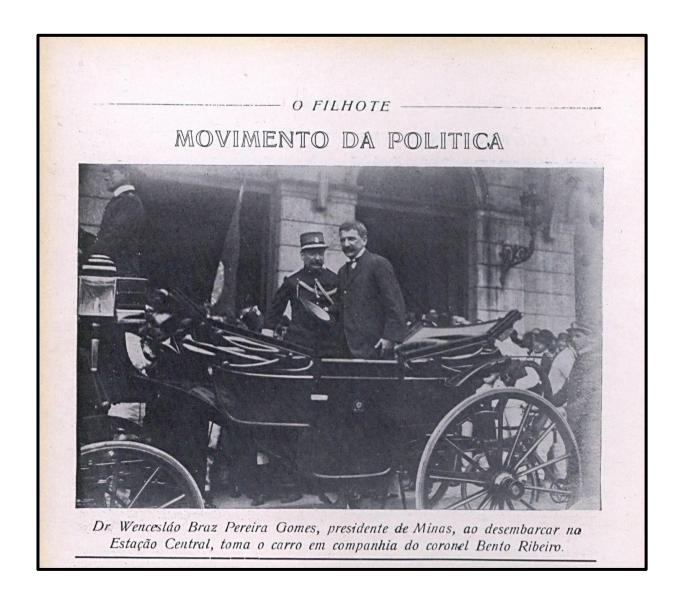
O FILHOTE -

A apotheose de S. Paulo



I. O Senador Ruy Barbosa, em S. Paulo, contempla a multidão que o acclama em delirio, S. Ex. está ao lado do Dr. Dino Bueno director da Faculdade.
II. O Senador Ruy Barbosa ao lado do Dr. Dino Bueno director da Faculdade de Direito e Dr. Reynaldo Perchiat, cercado do corpo docente e dos alumnos da mesma faculdade.

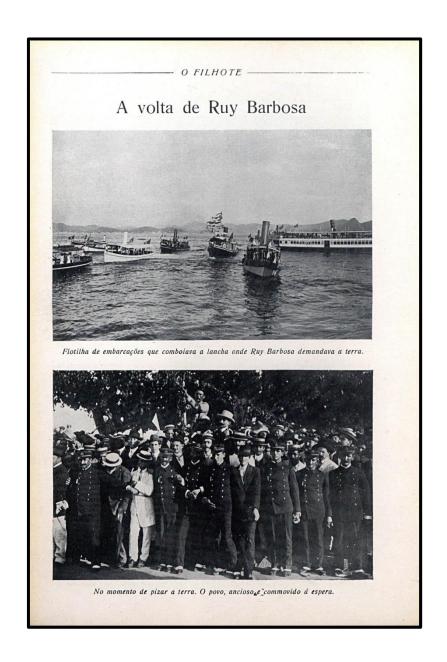






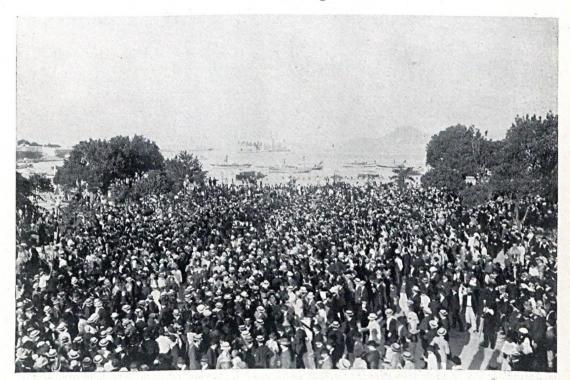




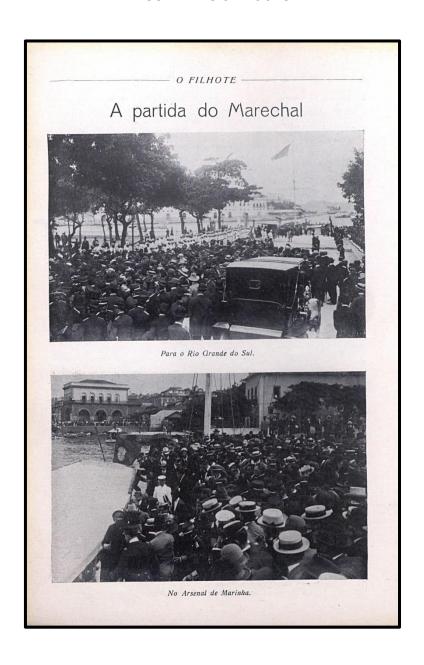


O FILHOTE -

A volta de Ruy Barbosa



A onda humana que aguarda Ruy Barbosa momentos antes de desembarcar na terra onde é infinitamente amado.





Assim, em sua curta existência, *O Filhote* tratou o cenário político brasileiro sob um prisma crítico, denunciando vários dos desmandos que

caracterizavam a vida nacional, em seus micros ou macrocosmos. Nessa linha, a folha considerava que nascera "arranhando os políticos, piparoteando a pança convencional da humanidade, rindo explosivamente das coisas graves e solenes da vida", além de pregar "a superioridade da ironia e da sátira como processos de regeneração"78. Quanto à política externa, o periódico manifestou um posicionamento elogioso quanto à preocupação com a consolidação das fronteiras nacionais e os conflitos com a Argentina, no que tange à busca pela hegemonia subcontinental, sendo concentrados os louvores na figura do chanceler Barão do Rio Branco; ainda no que tange ao estrangeiro, a folha mostrava-se insatisfeita com o amplo predomínio do capital internacional no Brasil. Com relação aos assuntos externos, o magazine citava que no Brasil trabalhava-se "ativamente ara que sejam fixados definitivamente e para todo o sempre os limites" de "um dos países que apresenta maior desenvolvimento de fronteiras e em que essas são as mais desconhecidas e menos rigorosas", sendo também necessários cuidados com os interesses materiais e com a grandiosidade do país⁷⁹. Finalmente a sucessão presidencial, a campanha eleitoral e os enfrentamentos entre civilistas e hermistas foram pautas recorrentes nas páginas do semanário. Em referência a tal disputa, o hebdomadário se referia à constante ação em meio aos adversários de "ocultar e descobrir" suas verdadeiras intenções, atuando os "jornalistas lhes exalçando méritos e lhes esmiuçando defeitos", mas não aceitava entre eles "a pancadaria",

⁷⁸ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 23 set. 1909.

⁷⁹ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 28 abr. 1910.

a qual não seria "absolutamente convencional", de modo que "não vale apena que briguem por causa da Presidência da República, tão ilustres corifeus do passado"⁸⁰. A partir de tal perspectiva, por meio de suas fotorreportagens e da ampla inserção caricatural, não só noticiou os tópicos relacionados com a eleição, como também criticou aquilo que considerou como exageros no teatro eleitoral.

⁸⁰ O FILHOTE. Rio de Janeiro, 16 set. 1909.

A DISPUTA ELEITORAL À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 1910 SOB O PRISMA DA *CARETA*

Criada em 1908, a *Careta* viria a constituir uma das mais notáveis revistas ilustrado-humorísticas da conjuntura brasileira, vindo a circular não só na sua cidade de edição, o Rio de Janeiro, como também na maior parte do país. Em sua revisão semanal, abordava temáticas variadas, envolvendo o cotidiano político, social e cultural do Brasil e do mundo. Com base em seu título, dizia que o seu "programa cifra-se unicamente em fazer caretas" e, como representante do jornalismo joco-sério, garantia que suas "caretas são sérias", com "perfeição e semelhança garantidas"81. Quando completou seu primeiro ano de existência, com humor, a revista expressava algumas de suas propostas, invocando mais uma vez as razões de seu próprio título, demarcando que até então trouxera ao público uma "série de caretas" que teriam formado "um alentado álbum", com todas elas "consagradas à sadia tarefa de provocar o riso". Invertendo a postura da maioria dos jornais, que normalmente agradecia aos leitores, nesta oportunidade, o periódico ilustrado carioca dizia que, "sem falsa modéstia", deveria ser o público a agradecer, por ter recebido "tantas caretas graciosas". E completava a ideia, afirmando que aquilo fora dito "sem falsa modéstia", explicando chistosamente que se tratava de "economia política, que é uma ciência muito séria", e, segundo a qual, "as caretas obedecem à grande lei da oferta e da procura", de maneira que, "se há caretas de sobra, custa menos a rir",

⁸¹ CARETA. Rio de Janeiro, 6 jun. 1908.

mas, "se minguam as ditas caretas, custa mais achá-las", levando assim a estabelecer uma valorização do produto por ela oferecido⁸².

As temáticas de cunho político foram constantes nas páginas da *Careta*, acompanhando os movimentos e as inércias da vida política brasileira, como no caso das disputas eleitorais. Em 1910 não seria diferente, quando a revista acompanhou a significativa agitação que marcou a campanha eleitoral em que se opuseram o militarismo de Hermes da Fonseca e o civilismo de Rui Barbosa⁸³. Um dos principais veios editoriais que demarcou a popularidade do magazine foi o seu segmento ilustrado, um verdadeiro diferencial em relação às práticas até então promovidas junto à imprensa convencional. Nessa linha, a presença imagética, traduzida pelas fotografias e pela expressão caricatural, era marcada por uma reprodução marcada por alta qualidade e pela nitidez de detalhes, trazendo um estilo inconfundível à publicação, o qual era complementado pela ação de repórteres, fotógrafos e artistas da caricatura de alta capacidade. A partir de tal tendência, a eleição presidencial de 1910 foi esmiuçada ao seu público leitor por meio de múltiplos registros fotográficos e caricaturais.

-

⁸² CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1909. A respeito da *Careta*, observar: ALVES, Francisco das Neves. *Perspectivas da Careta acerca do cenário político brasileiro de 1929 e a sucessão presidencial.* Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2025. p. 9-26.; e CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine Careta (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 71-97, janeiro-junho, 2012.

⁸³ Sobre tal processo eleitoral, ver: PORTO, Walter Costa. *Eleições presidenciais no Brasil: Primeira República*. Brasília: Senado Federal, 2019.

A acirrada campanha presidencial de 1910 foi amplamente difundida por meio de fotorreportagens estabelecidas pelo magazine carioca, com uma cobertura que se concentrou em grande parte na presença de um candidato oposicionista com poder de mobilização, uma certa novidade para os padrões eleitorais de então. Tais registros fotográficos apresentavam característica fundamental o intento de demonstrar uma significativa participação popular em torno do pleito. Nesse sentido, a folha registrou: "o povo na Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, recebendo o senador Rui Barbosa^{"84}; a chegada de Rui ao cais de embargue no Rio de Janeiro e, em seu embarque para a Bahia, "cercado pelo povo que o aclama"85; o "candidato civil" foi também retratado em seu retorno, em comboio de embarcações e no cais, com a participação de "milhares de pessoas"86; o fotojornalismo do periódico acompanhou ainda o embarque de Barbosa para o Estado de Minas Gerais⁸⁷. Houve a cobertura igualmente do regresso do político de sua "excursão triunfal à Minas", além de sua presença nas localidades de Serraria, Barbacena, Itabira, Juiz de Fora, Ouro Preto, Belo Horizonte e Queluz. A Careta dedicou ainda uma capa ao Senador Rui Barbosa e divulgou novas fotos de sua estada em Minas⁸⁸. A chegada às urnas dos correligionários das duas chapas se fez presente em

-

⁸⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1910.

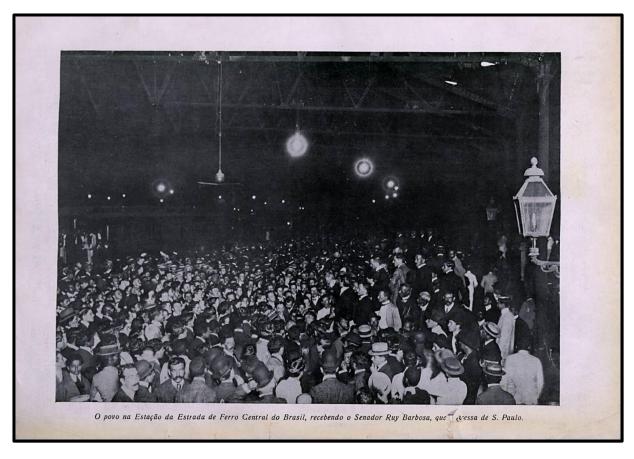
⁸⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.

⁸⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.

⁸⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 19 fev. 1910.

⁸⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.

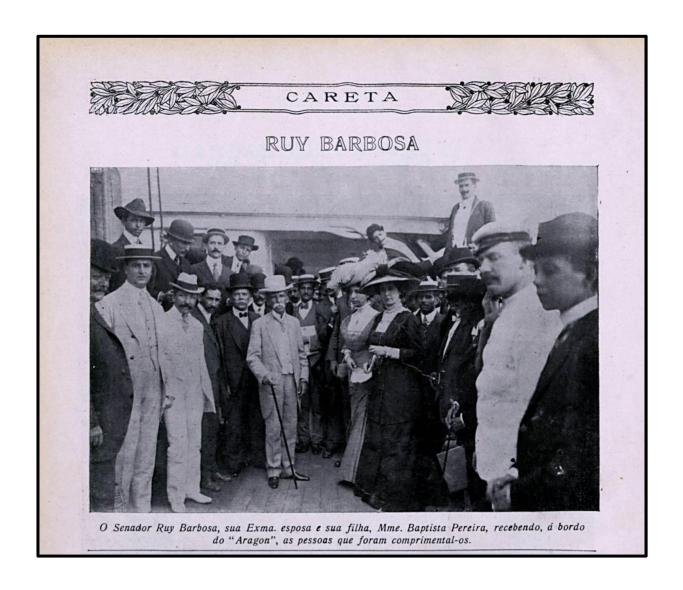
várias inserções sob o título "As eleições"⁸⁹. A presença do candidato governista nas fotografias da revista deu-se em "O regresso do marechal Hermes", com sua recepção no Rio de Janeiro⁹⁰.

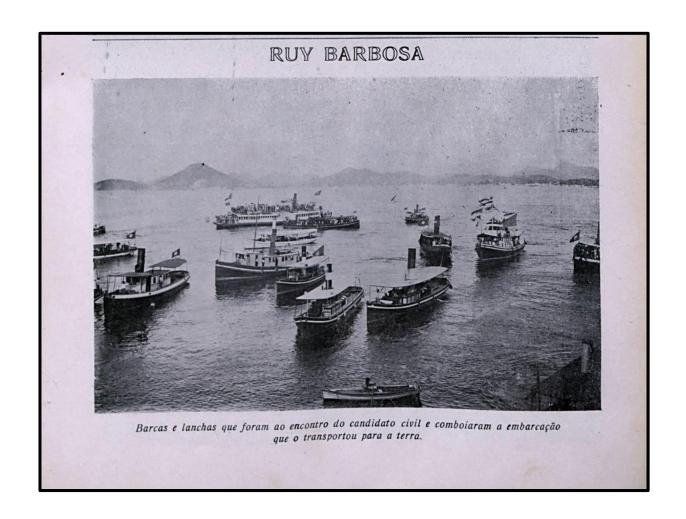


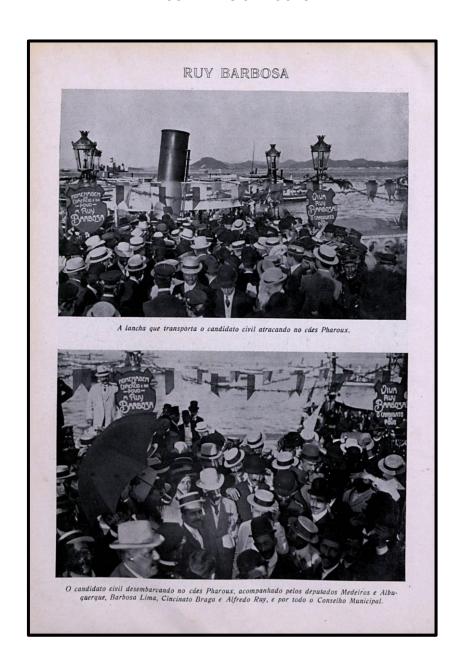
⁸⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 5 mar. 1910.

⁹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 19 mar. 1910.

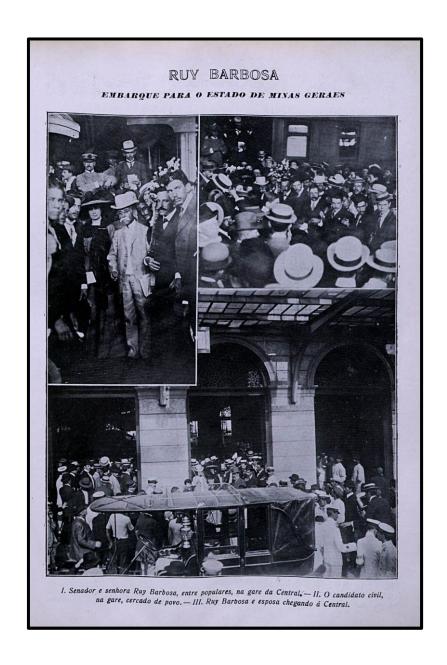


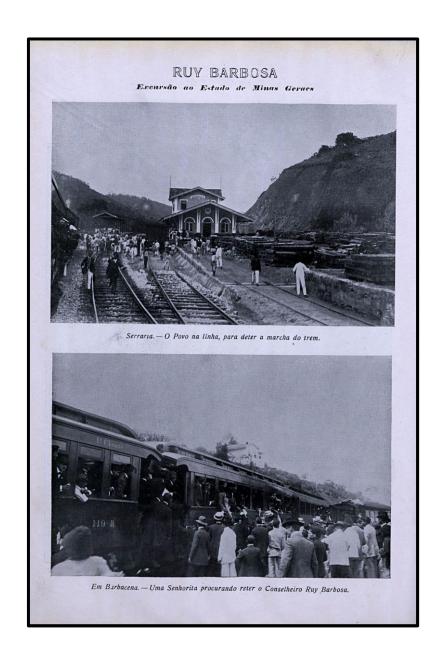


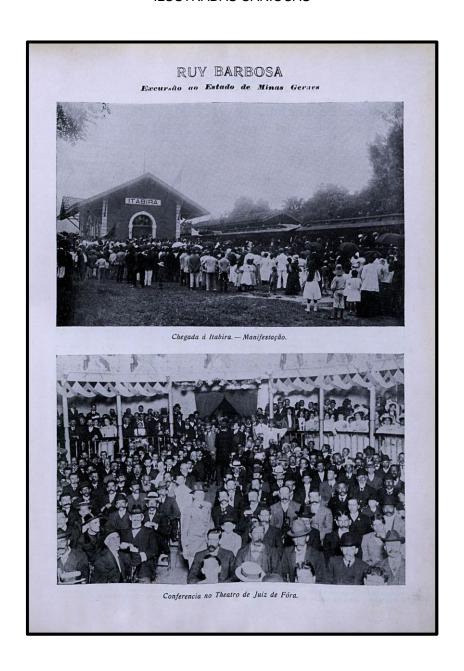


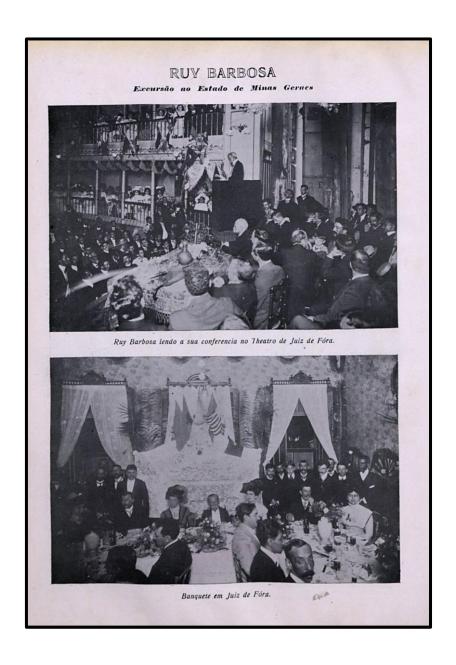


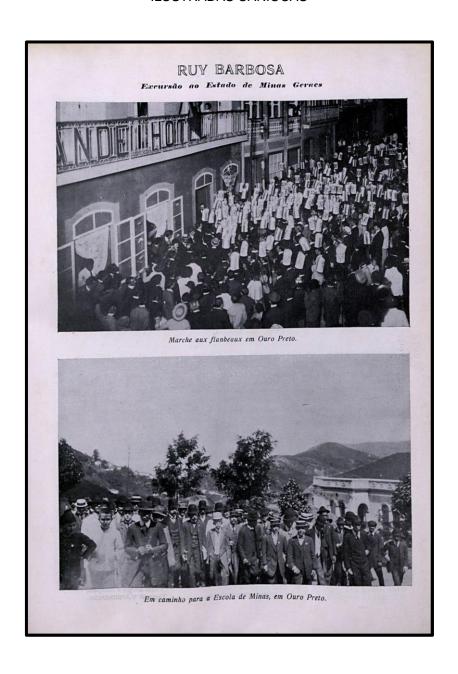




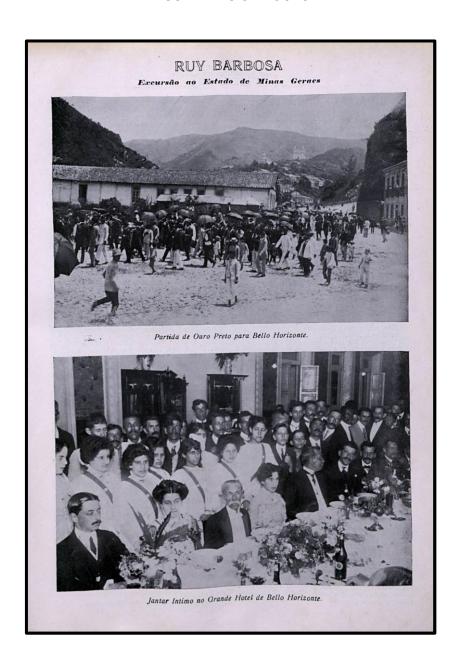


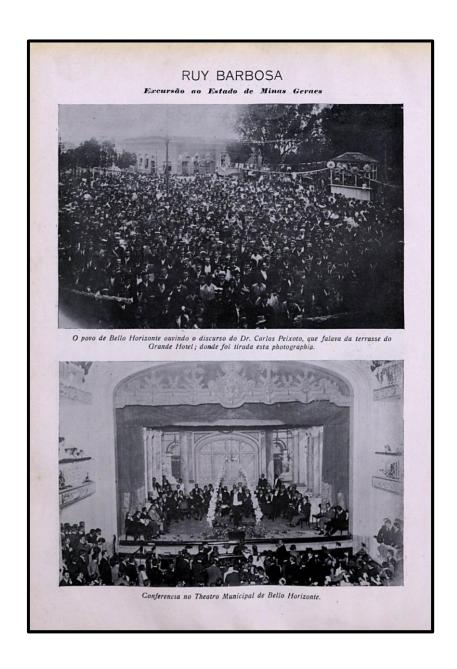


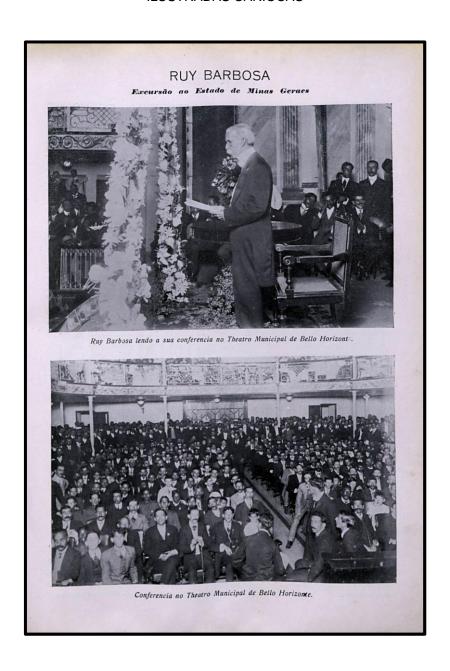




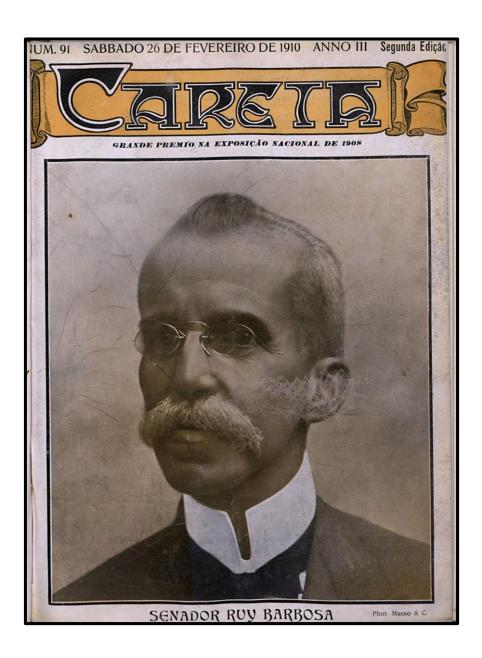




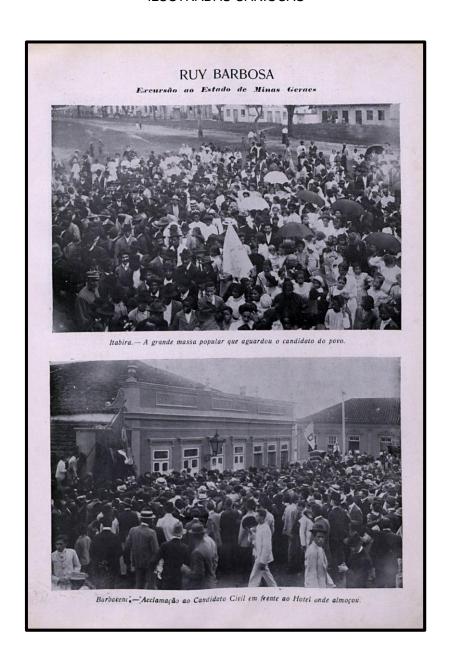


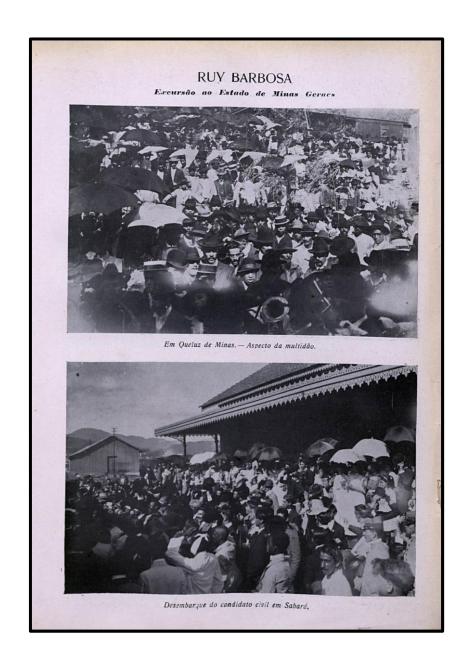


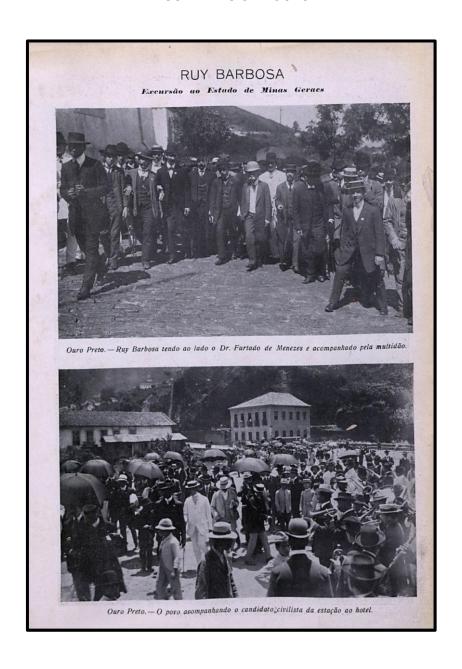


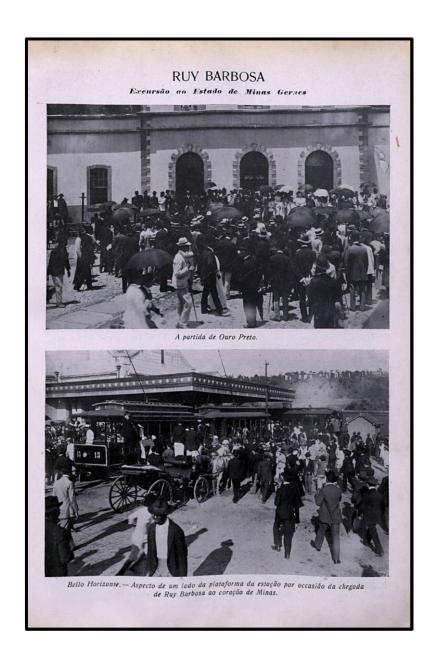


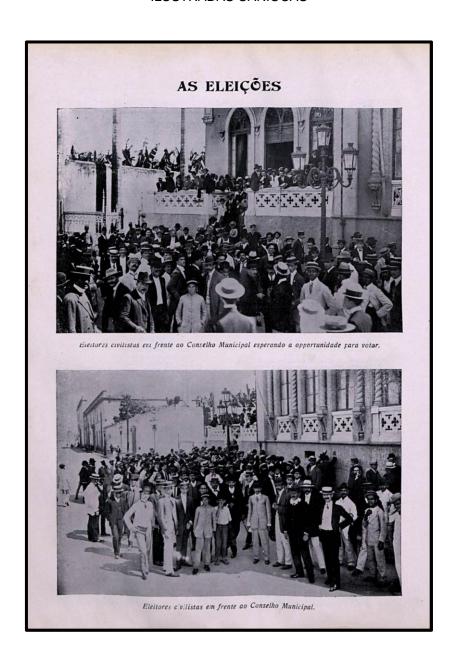


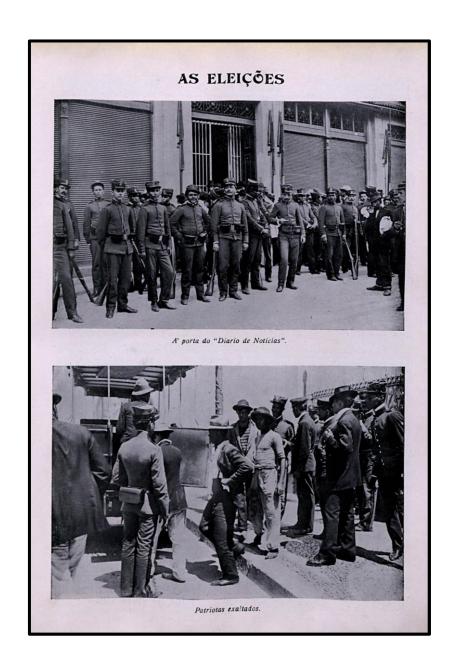


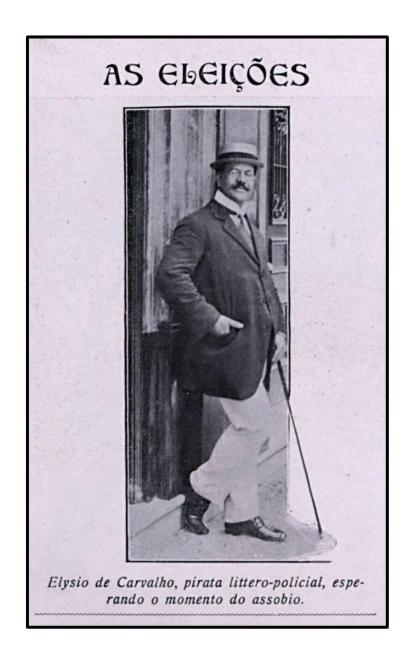


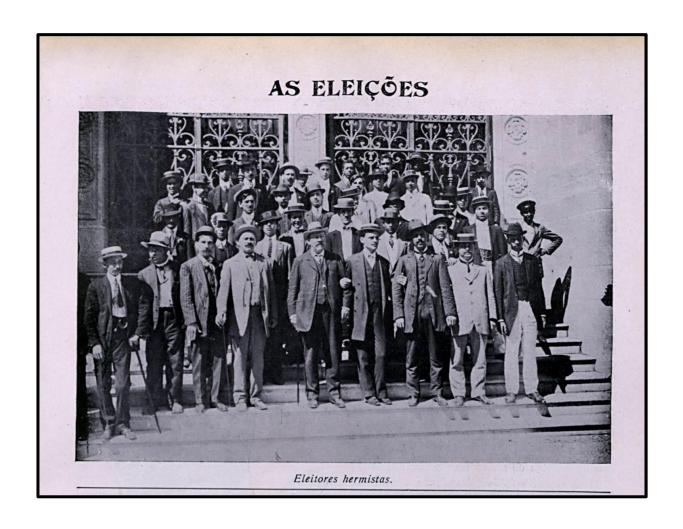


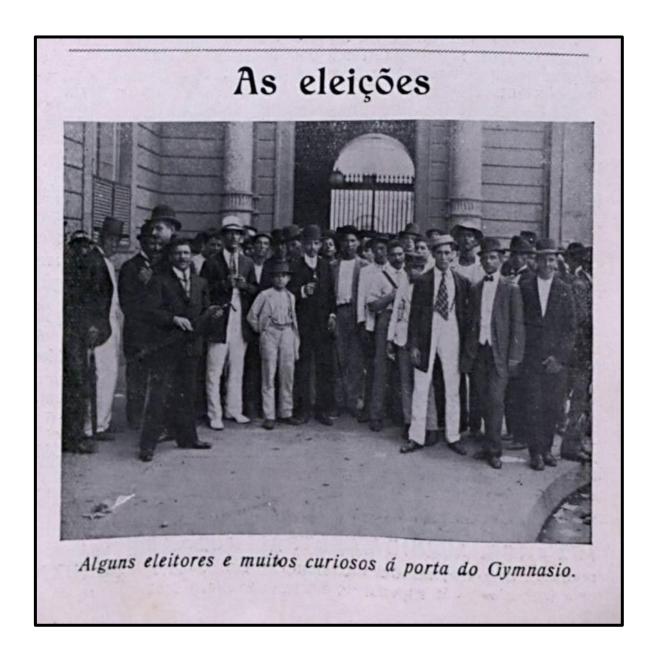


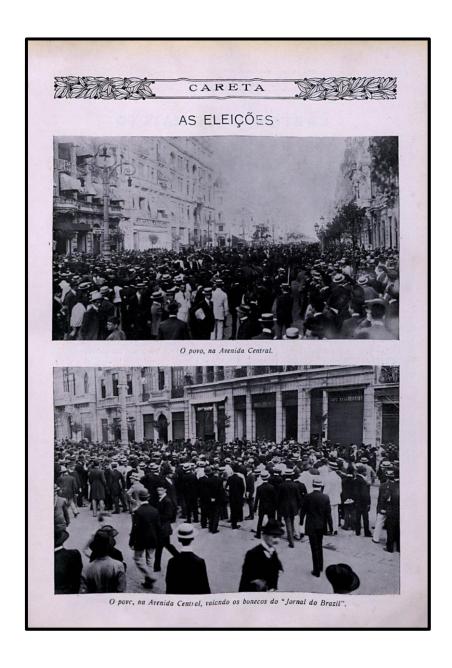


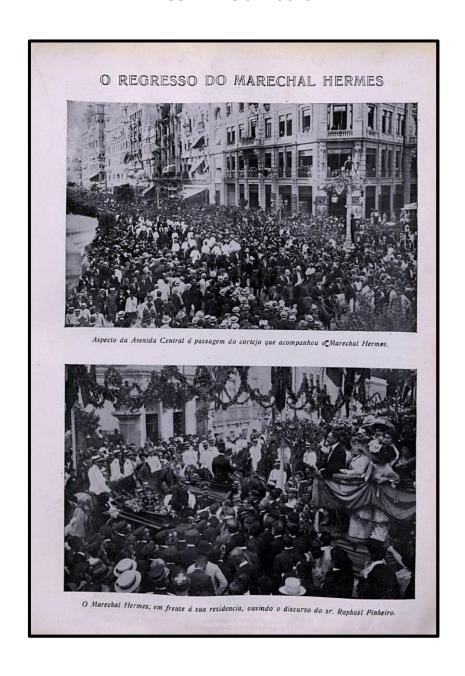












Em termos de representação caricatural, a ilustrações da Careta voltaramse à prática da crítica política e a abordagem joco-séria a respeito das eleições. O bloqueio de pautas da oposição no Congresso Nacional, especificamente no que tange às tratativas das fronteiras com o Uruguai, foi denunciado pela folha em "Num pélago de lama", desenho que trazia a Câmara afundando-se na lama da "politicagem", com o chanceler Barão do Rio Branco, tentando safar-se daquele ambiente junto da figura angelical que representava a "concessão de condomínio" da Lagoa Mirim⁹¹. Na mesma linha, a Câmara, mais uma vez simbolizada por uma bruaca, amarrava Rio Branco no poste da politicagem, dizendo que tal atitude compreendia o "patriotismo" dos "politiqueiros" 92. Com ironia, o semanário se referia à aquisição da belonave *Minas Gerais*, considerada dispendiosa para os cofres públicos, mas vindo a ter serventia nos enfrentamentos com a República Argentina⁹³. Os candidatos Rui e Hermes apareciam com asas de anjo, mas sendo diretamente manipulados por figura feminina identificada com a "politicagem" 94. Outra alegoria feminil apresentava a "política" como uma mulher obesa que se divertia ao utilizar uma "fantasia", que consistia em duas máscaras, cada uma com a face dos dois concorrentes à eleição presidencial. O candidato governista e alguns de seus apoiadores surgiam como os cinco dedos que integravam "A manopla hermista" 95.

=

⁹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

⁹² CARETA. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.

⁹³ CARETA. Rio de Janeiro, 22 jan. 1910.

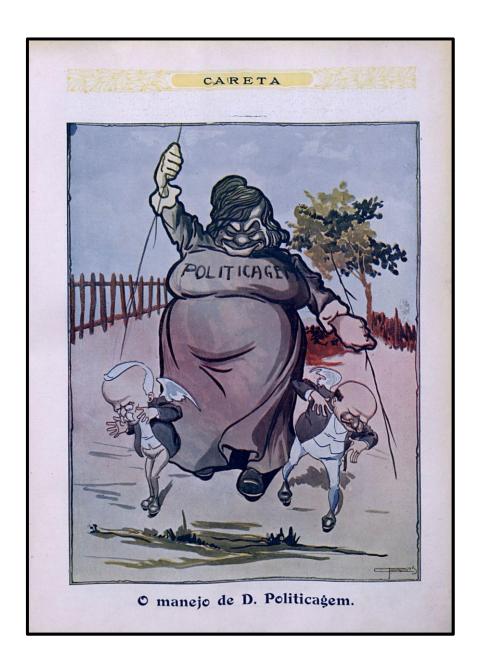
⁹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.

⁹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.

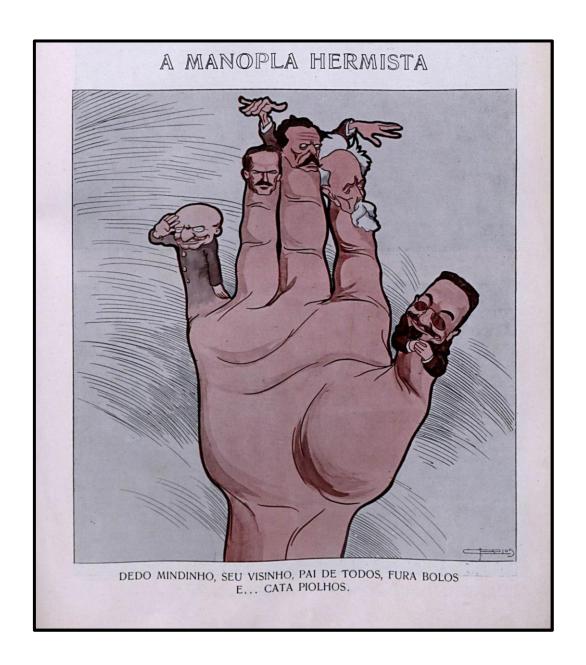












A disputa eleitoral foi vista também como "A grande luta", na qual o "civilismo" e o "militarismo", cada qual com suas vestes típicas, davam "os últimos arrancos", em um enorme esforço para escalar as altíssimas pernas da cadeira presidencial, no assento da qual se encontrava "o queijo e a faca", aludindo ao poder de dividir as verbas públicas⁹⁶. Com ironia, o periódico mostrava a presença de Hermes da Fonseca indo beber na fonte da "política" que, desta vez, deixava de ser uma bruaca para ser representada como uma boa samaritana. Por outro lado, Rui Barbosa era apresentado como um Cyrano de Bergerac, em referência ao personagem da composição dramatúrgica de Edmond Rostand, que carrega em si temas como o amor, a eloquência, a beleza e o disfarce, em uma alusão à carreira do político baiano, notadamente no que tange à política internacional e ao renome que lhe foi atribuído como a "Águia de Haia". Também se fez presente na revista o político gaúcho Pinheiro Machado, protagonista da campanha hermista, que era representado por um galo que, tendo em vista seu poder, era considerado como "o soberano dos terreiros"97. Em um passeio pelas ruas, Hermes da Fonseca trajava-se como um civil, em contraposição ao militarismo que representava, vindo a encontrar-se com uma velha senhora que designava a "opinião pública", segundo a qual o candidato poderia até espantá-la, mas não conquistá-la⁹⁸. Uma associação entre a política e a literatura aparecia em edição na qual o hebdomadário fazia homenagens ao poeta Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, de modo que "Os

_

⁹⁶ CARETA. Rio de Janeiro. 26 fev. 1910.

⁹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 5 mar. 1910.

⁹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

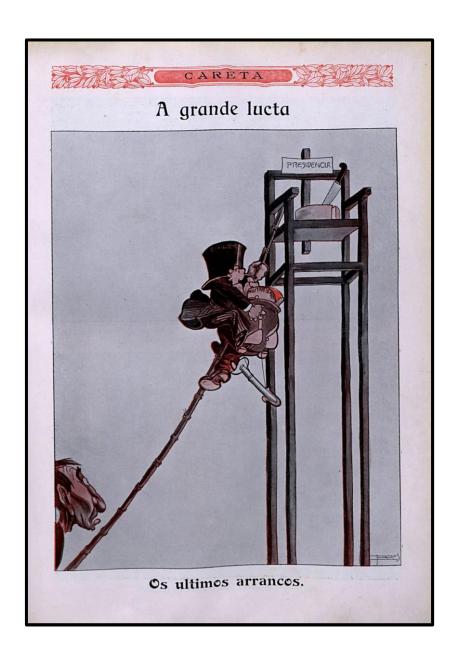
versos de Bilac" serviam para legendar as gravuras com os dois candidatos. No caso de Hermes da Fonseca, ele aparecia sentado ao lado da figura feminina que simbolizava a opinião pública e lia a questão da inelegibilidade no texto constitucional, ao passo que a luminária era composta pela imagem de Pinheiro Machado que levava a luz a um ambiente escurecido, enquanto o trecho do poema fazia referência a uma leitura conjunta de um casal. Rui Barbosa, por sua vez, era apresentado como uma frondosa árvore que, em meio à floresta, resistia às intempéries, permanecendo "de pé, serena e bela", conforme confirmava os versos que acompanhavam a ilustração⁹⁹. Passada a eleição, o vencedor Hermes da Fonseca aparecia em seu uniforme de marechal, como um "fogoso ginete", que cavalgava uma chaleira, que simbolizava o seu "partido", em alusão à expressão de pegar no bico de tal utensílio, em clara referência à adulação dos poderosos¹⁰⁰. Nas páginas do magazine, o derrotado Rui Barbosa, surgia em uma verdadeira "cruzada", no sentido da contestação ao resultado eleitoral, na qual ele marchava junto de seu "estado maior", ladeado pelas alegorias feminis da "paz" e da "justiça" e sendo acompanhado por vários cavaleiros medievais em suas armaduras e de lança em punho, designando os representantes da imprensa que apoiaram a Campanha Civilista. Por outro lado, como um líder militar, Hermes da Fonseca liderava suas tropas, em "campanha", estando à frente do "piquete do marechal", integrado por soldados que representavam os periódicos que estiveram ao lado do candidato governista¹⁰¹.

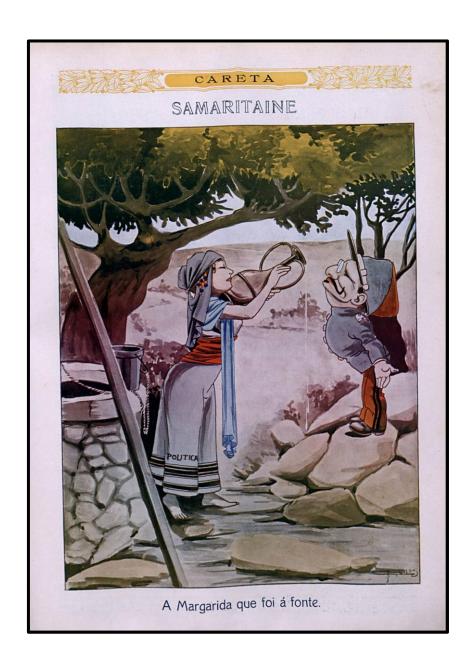
-

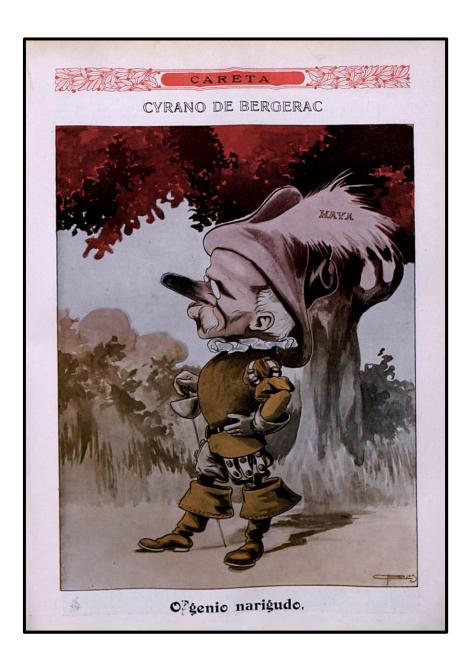
⁹⁹ CARETA, Rio de Janeiro, 19 mar, 1910.

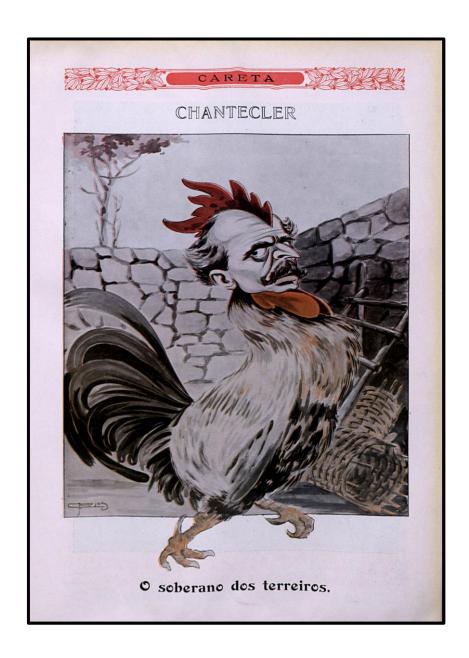
¹⁰⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 2 abr. 1910.

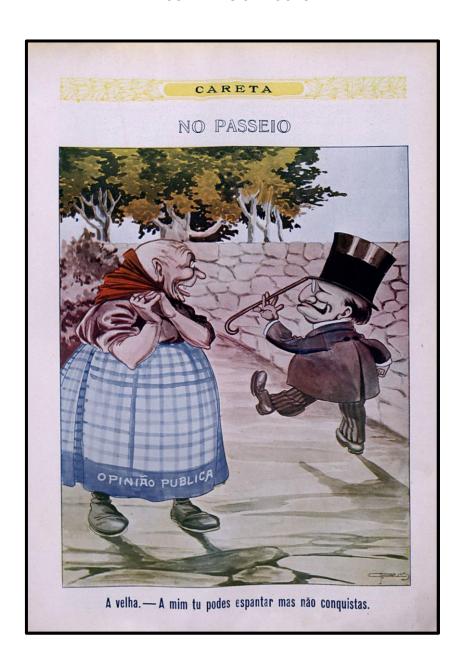
¹⁰¹ CARETA. Rio de Janeiro, 9 abr. 1910.

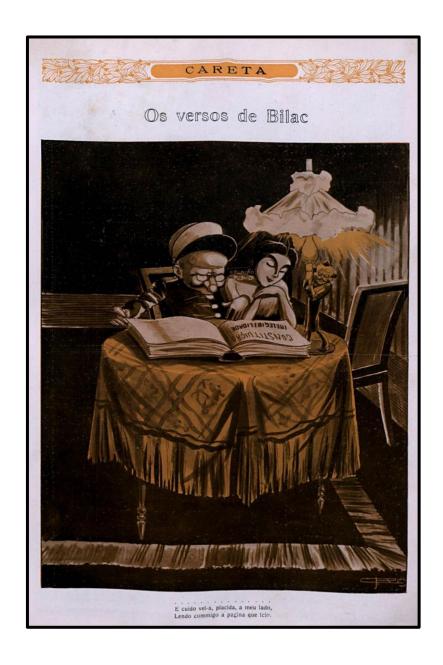


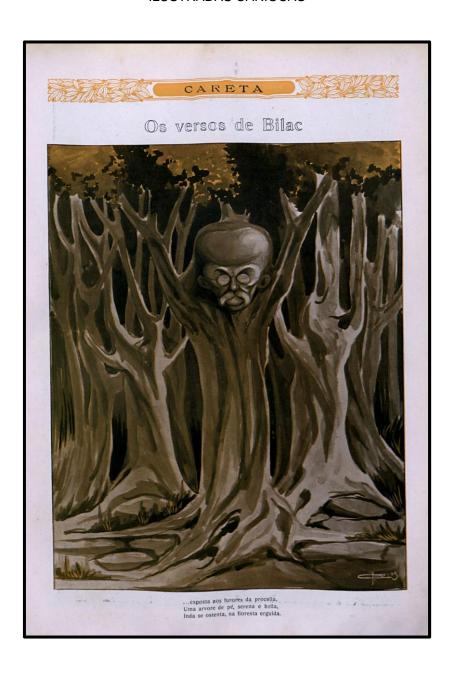


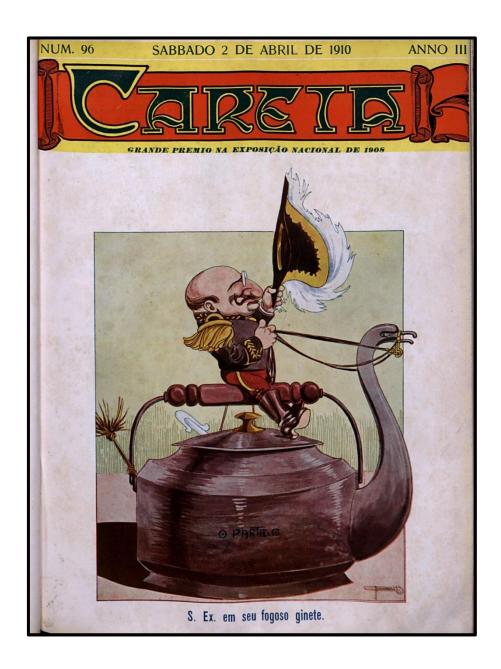


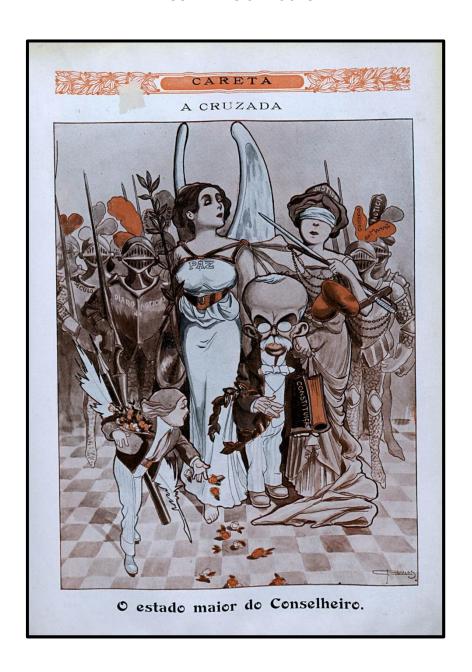


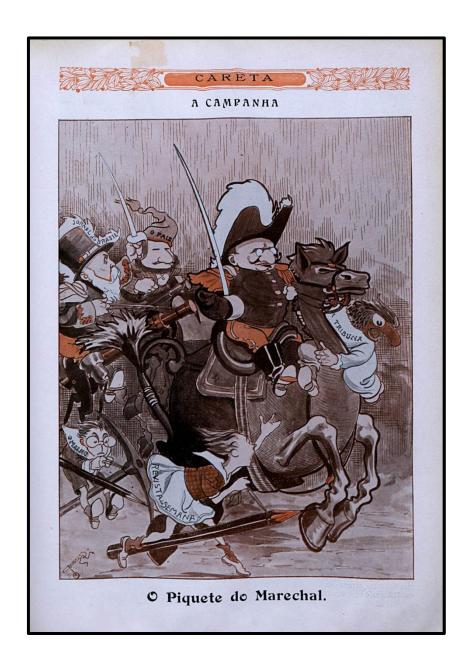












Ao abordar imageticamente as eleições presidenciais de 1910, a Careta não deixou de seguir seu norte editorial vinculado a um enfoque joco-sério. Em tal ano, o magazine permanecia afirmando que era "consagrada à risonha tarefa de tornar risonhos os seus leitores". Dizia que no "negócio de imprensa" havia "uma espécie de contrato bilateral", no qual "as partes contratantes" eram "os confeccionadores da revista de um lado e Zé Povo de outro", de maneira que, "a revista cumprindo o seu sadio programa de fazer rir Zé Povo e este concorrendo" para a sua "manutenção vai tudo muito bem"102. Nesse sentido, o semanário utilizou-se dos registros fotográficos para divulgar os eventos em torno da eleição, manifestando predileção pela candidatura dissidente, uma raridade até então, na qual aparecia um candidato até certo ponto viável ao menos no que tange à mobilização pública. A arte caricatural, por sua vez, destinou-se a criticar as estruturas políticas da época, inclusive aquelas que serviam para corromper o próprio processo eleitoral como um todo. Assim, em sua mescla de jocosidade e seriedade e visando ao esclarecimento do Zé Povo, a Careta apresentou aos leitores a sua óptica crítica e humorística a respeito do pleito presidencial de 1910.

 $^{^{102}}$ CARETA. Rio de Janeiro, 4 jun. 1910.

A REVOLTA DOS MARINHEIROS DE 1910 NAS PÁGINAS DA REVISTA FON-FON

A Fon-Fon foi publicada no Rio de Janeiro a partir de 1907, vindo a constituir uma das mais marcantes revistas brasileiras do século XX. Apresentava-se em seu frontispício original como um "semanário alegre, político, crítico e esfuziante", além de apresentar-se como um periódico "ágil e leve", que pretendia "fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa" do "amado povo brasileiro, com a pilhéria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes" e ainda "com o comentário leve às coisas da atualidade". O título da revista era referência a uma sirene, que seria apertada diante do debate dos diferenciados temas. Nesse sentido, "para os graves problemas da vida, para a mascarada política, para a sisudez conselheiral das finanças e da intrincada complicação dos princípios sociais, colocava-se à disposição para dar "a resposta própria", ou seja, apertando "a sirene e... Fon-Fon!"103. De acordo com suas propostas, o magazine chegou a definir-se como "uma necessidade para a desopilação dos fígados inflamados"104. Com relação à Revolta dos Marinheiros que marcou os dois últimos meses de 1910¹⁰⁵, o periódico dedicou breves textos, uma fotorreportagem mais abundante e algumas poucas representações caricaturais.

-

¹⁰³ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

¹⁰⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, 10 abr. 1909.

¹⁰⁵ Sobre tal movimento rebelde, ver: CAPANEMA, Sílvia. João Cândido e os navegantes negros: a Revolta da Chibata e a segunda abolição. Rio de Janeiro: Malê, 2022.; GRANATO, Fernando de Lima. João Cândido. São Paulo: Selo Negro, 2010.; LOVE, Joseph L.. The Revolt of the Whip. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2012.; MAESTRI, Mário. Cisnes negros :1910 : a Revolta dos Marinheiros contra a chibata. Porto Alegre: FCM, 2014.; MOREL, Edmar. A Revolta da Chibata. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.; e SILVA, Marcos A. da. Contra a Chibata:

Na crônica "Dias passados", o semanário ilustrado trazia alguns detalhes acerca dos efeitos provocados pelo movimento rebelde em meio à população do Rio de Janeiro, com ênfase ao pânico provocado:

Dias passados... e mal passados, posso acrescentar, juntando o meu lamento ao de todos os assustados que andaram por esta heroica cidade nos dias ameaçadores da revolta dos marinheiros.

O medo é um grande nivelador social. Cá está quem viu, nos exageros da fuga, gente alta, de boa colocação, bom dinheiro e renome, *avançar* nos modestos bondes de segunda classe e disputar um posto, quase a muque, ao pobre desprotegido, de tostão contado e posição humilde.

A graça fresca e elegante do linho branco, não fazia questão, naquele momento de agonias, de juntar-se à chita barata da pobre operária. Na fuga todos eram iguais e para fugir não anda a gente à procura de bons lugares e melhores comodidades. (...)

E as caras, as caras dos que fogem?

Não há, decerto, quem tenha a coragem máscula de confessar que vai fugindo, não há. Há sempre uma espécie de vergonha, a disfarçar este ato heroico.

Caras amigas que eu vi, terríveis de impressão dolorosa, desfeitas de medo, preocupadas com os meios rápidos de fuga, se davam comigo a olhá-las, desfaziam-se num sorriso destacadamente amarelo, num disfarce forçado, como a quererem demonstrar que iam por ali afora, às pressas, amarrotadas e comprimidas, por um simples sentimento alegre de pagode e de troca.

E só Deus sabe como iam, por dentro, aquelas pobres almas.

Um povo com medo, é uma coisa lúgubre e apavorante e eu prefiro arrostar a fúria dos balázios e das granadas a ter de enfrentá-lo e disputar com ele o sossego e a calma. Deus me livre!

marinheiros brasileiros em 1910. São Paulo: Brasiliense, 2002. Um brevíssimo histórico acerca da rebelião e a reação de outras duas revistas ilustradas cariocas aos acontecimentos podem ser observados em: ALVES, Francisco das Neves. *A Revolta dos Marinheiros em 1910 nas páginas das revistas O Malho e Careta*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2025.

E foi por isto que eu me deixei ficar numa valentia forçada no sossego de casa, na calma esquecida deste recanto de arrabalde, onde há palmeiras e luxúrias de vegetação, à espera do fim de toda essa medonha agitação, que movia a cidade inteira no desespero de uma fuga precipitada.

Estas impressões terroristas, já haviam recuado para a indecisão das recordações tristes, que atiramos para os últimos recantos do passado. Desde a famosa Revolta de Setembro, que as havíamos esquecido, de modo que agora, pareceram-nos perfeitamente inéditas e desconhecidas.

Que susto, hein? Que susto levamos nós, eu, tu e todos os que habitam esta linda cidade!

Felizmente, está tudo passado.

E a revolta? Pensam vocês mesmo que eu vou me esfalfar aqui expondo-lhes solenemente uma série de considerações filosóficas sobre o direito da força? Pois sim! Fico-me no bordado destas simples apreciações ligeiras e a deplorar num lamento sincero, essa coisa penosa e triste, que é sempre uma revolução...¹⁰⁶

O tema dos atos revoltosos na Marinha voltou a ser tratado na revisão semanal que o periódico realizava a cada uma de suas edições, demarcando uma postura de desaprovação para com as ações rebeldes:

Ainda há relâmpagos no horizonte, de uma borrasca que se afasta, que, ainda a pouco, rugia sobre nossas cabeças, ameaçando desabar, mas, que, já agora, segue, para abater trovejante sobre outras paragens ou para, desfeita, se anular no próprio espaço...

Novamente o azul desnublado nos cobre e é já rarefeito o ar que se respira...

Houve quem chamasse aquilo: *greve!* Com injúria, talvez, ao operário, ao braço produtor, ao braço nobre de trabalho...

A um que vinha, no momento, da oficina, ainda sopesando ferramentas e que um companheiro chamara, ao passar pelo cais, para que visse os navios rebelados que passeavam soberbos e ameaçadores na baía, ouvi dizer, sem que se detivesse, a

-

¹⁰⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

seguir indiferente para casa: — Não, obrigado. A mim pouco importa essa desavença lá entre esses burgueses fardados, com galões ou sem eles, praças ou oficiais, de água ou de terra. Deixa-os lá; que se avenham e andes tu daí. Ainda se fosse a maruja mercante, podia ser, porque essa ao menos faz alguma coisa de melhor no mar que andar a cuidar de máquinas de guerra e de viver à custa dos outros sem produzir. Deixa-os lá. Olha que quando tu estiveres a derrear de cansaço pelo trabalho e pedires um pouco mais de descanso ou um pouco mais de dinheiro que tu mesmo é que produzes, mas, que os outros guardam, eles serão os próprios, quer sejam de terra ou seja da água, a te fazerem calar, à bala, como sempre fazem, defendendo os que te tiram a pele. Entendes? Anda daí. (...)

O *Minas* cuspiu um tiro imprevisto para uma das fortalezas da barra, por não querer, talvez, generoso, cuspi-lo sobre a ironia defensiva de uns fardos de alfafa que entrincheiravam uma das bordas do mar. Houve uma debandada de afastamento precipitado da linha do cais.¹⁰⁷

Uma nova "crônica hebdomadária" dava destaque à retomada da insurreição, reforçando a ideia do terror provocado em meio aos habitantes da capital federal:

Nova revolta. Acordo ao som atroador e sinistro da metralha. Que haverá de novo, Santo Deus? para a cidade os bonde seguem vazios e os que voltam trazem gente de fisionomia de espanto e susto. Pela vizinhança afirmam-se coisas terríveis. E este recanto calmo de arrabalde começa a despertar preocupado e cheio de susto. A artilharia faz-se ouvir, ao longe, continuamente. Meto-me no bonde à hora costumeira de todos os dias.

Poucos passageiros. O bonde segue entre as afirmações terríveis e dúvidas insuportáveis. Voam os bondes, que voltam repletos de gente que bem se vê que não está num estado de alma normal. Conhecidos acenam em sinais incompreensíveis.

_

¹⁰⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

Querem dizer, naturalmente, coisas pavorosas, mas os bondes cruzam-se rápido e seguem. Avança-se á compra dos jornais.

Lá estava – *Nova Revolta* – e em letras garrafais seguem-se os subtítulos aterradores. É bem verdade, então! Na Avenida só homens a comentar e a narrar acidentes. Um horror! Não sei quantos mortos; já se contam às centenas os feridos... Uma hecatombe. Nova revolta. Irra! (...)

Ah! a estupidez da curiosidade! Na lista de mortos e feridos, vejo que o maior número pertence aos que se afoitaram a percorrer, curiosos, os pontos arriscados do litoral, para a contemplação pessoal do tiroteio. Mas que gente! Não se lhe pode, ao menos, atribuir qualquer movimento de coragem, pois não é coragem expor-se, desnecessariamente, às balas. Demais não deve ser um espetáculo edificante, um tiroteio, principalmente, entre filhos da mesma terra. Ao contrário, deve ser doloroso até, bem doloroso.

Que gente! (...)

Está terminada a nova revolta. Os jornais vêm cheios de narrações tétricas e heroicas. Triste heroicidade entre irmãos, sem que se conheça o motivo, a causa deste novo levante. 108

A estratégia editorial mais utilizada pelo semanário para a cobertura dos atos rebeldes foi através do uso do fotojornalismo, divulgando vários registros fotográficos acerca do evento. O primeiro bloco de fotos trazia um "grupo de marinheiros que abandonaram" o seu navio "para não tomarem parte na revolta de seus companheiros"; uma "multidão no cais" para acompanhar "o movimento dos navios revoltosos"; e o embarque de um mediador que buscava "parlamentar com os amotinados". Outra fotografia apresenta uma "debandada da multidão" por ocasião de um disparo do *Minas Gerais*, belonave dominada pelos

¹⁰⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

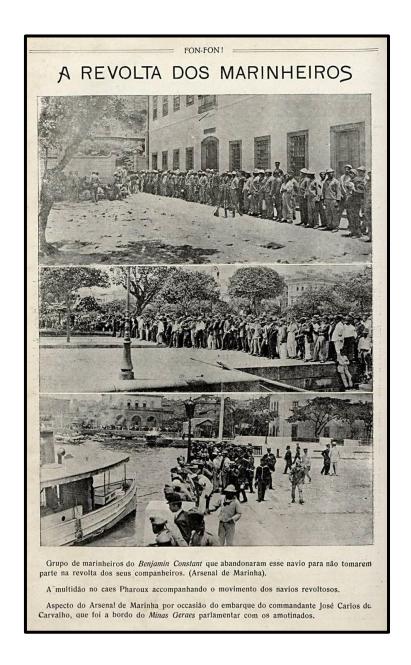
insurretos¹⁰⁹. A leitura por parte do líder rebelde João Cândido do decreto sobre a anistia e "seu secretário" foi outro dos registros. A missa rezada em homenagem aos "oficiais mortos durante os dolorosos acontecimentos" da revolta também foi retratada. Os marujos do *Minas Gerais*, "que tomaram parte saliente na revolta" perfilados junto de um jornalista, foram igualmente alvo de uma lente fotográfica, ocorrendo o mesmo com os do São Paulo. A movimentação popular foi outro aspecto enfatizado, com "o êxodo da população da capital por ocasião dos boatos aterradores de bombardeio". Os atos finais da revolta com a devolução dos comandos aos oficiais foram mais um momento fixado em fotografia¹¹⁰. As forças de resistência fizeram também parte dos registros, como no caso do comandante que se colocou pronto "para agir contra a maruja rebelde", assim como foram estampados os retratos de duas vítimas "dos acontecimentos"¹¹¹. Sob a epígrafe de "Os últimos lutuosos últimos acontecimentos" foi divulgado mais um conjunto de fotografias acerca da segunda etapa revoltosa, com amplo destaque para o seio da rebeldia, a Ilha das Cobras, os estragos provenientes do enfrentamento bélico e as posições e movimentações das forças legalistas¹¹².

¹⁰⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, 26 nov. 1910.

¹¹⁰ FON-FON. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

¹¹¹ FON-FON. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

¹¹² FON-FON. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

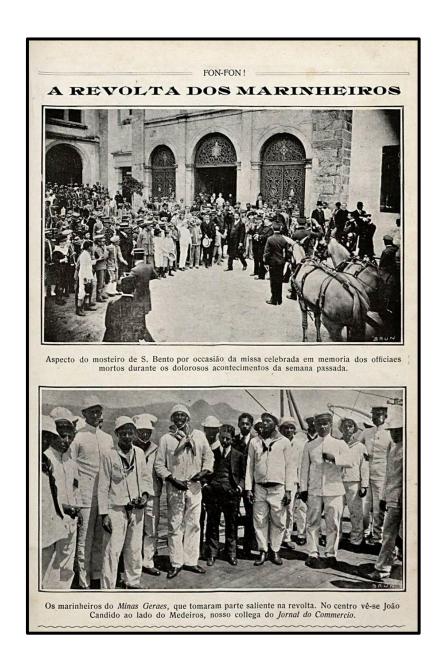


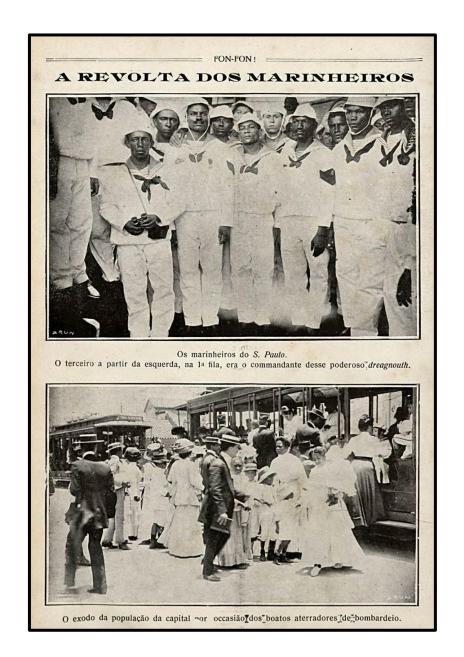


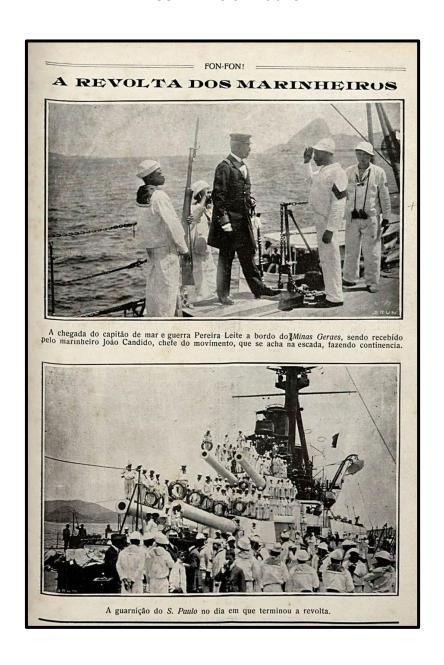
A Revolta dos Marinheiros



O marinheiro João Candido (á direita) lendo o Diario Official no qual vem impresso o decreto de amnistia, e o seu secretario



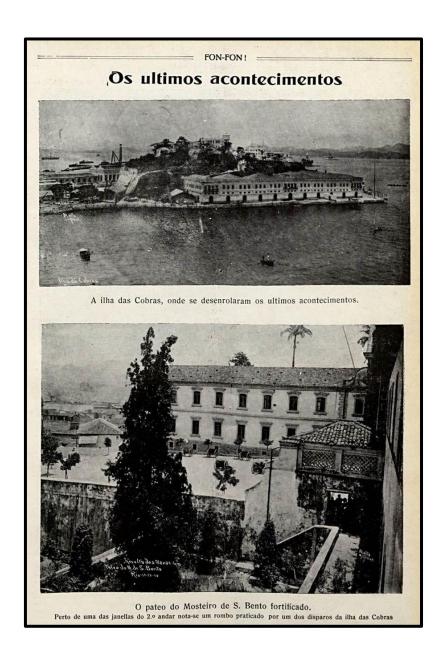




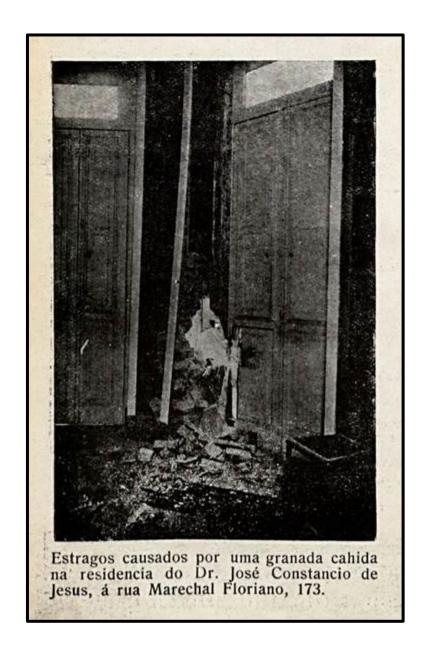


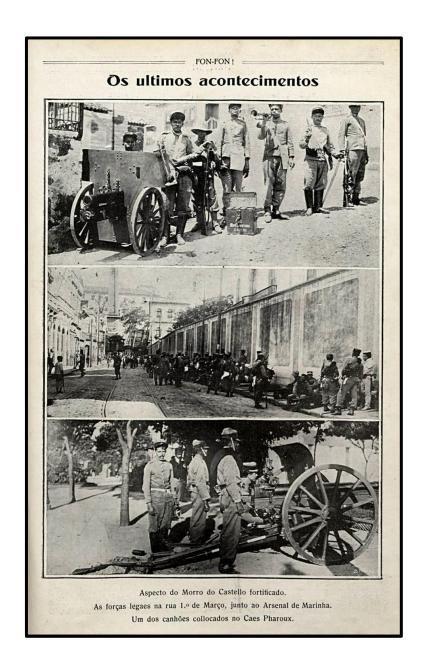


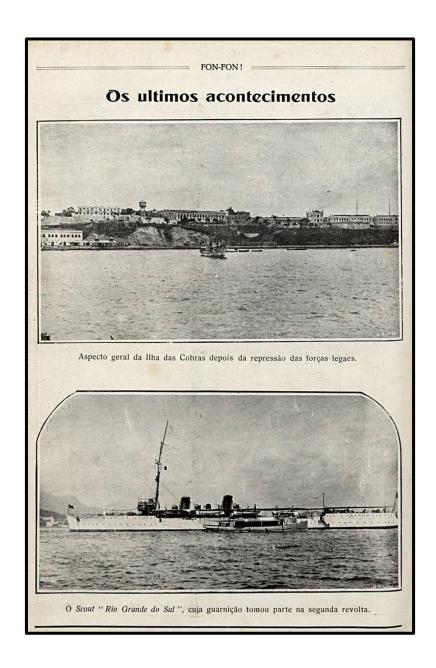


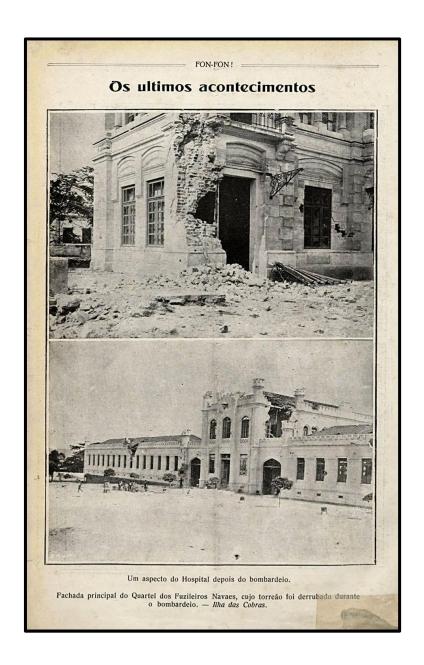


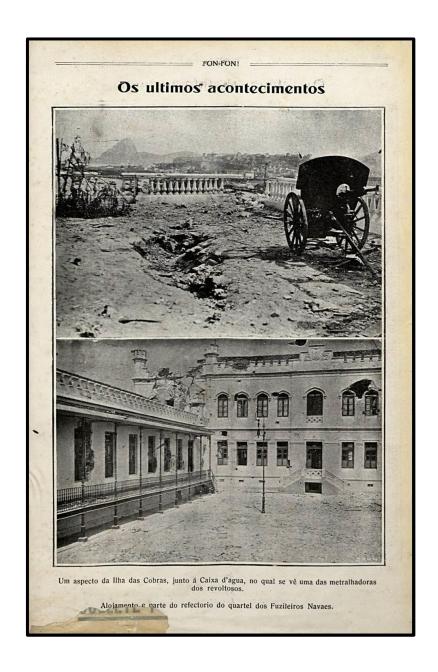


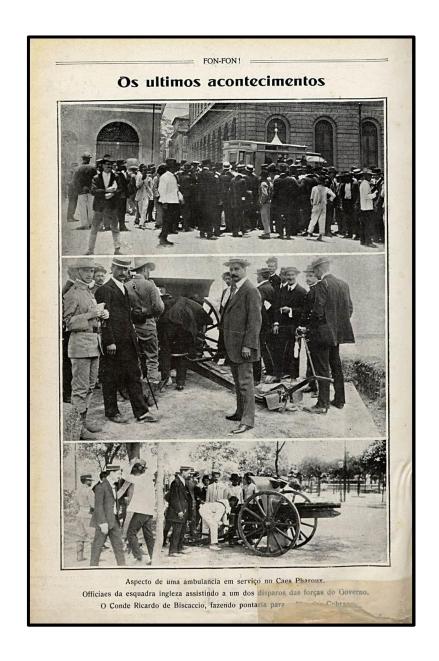


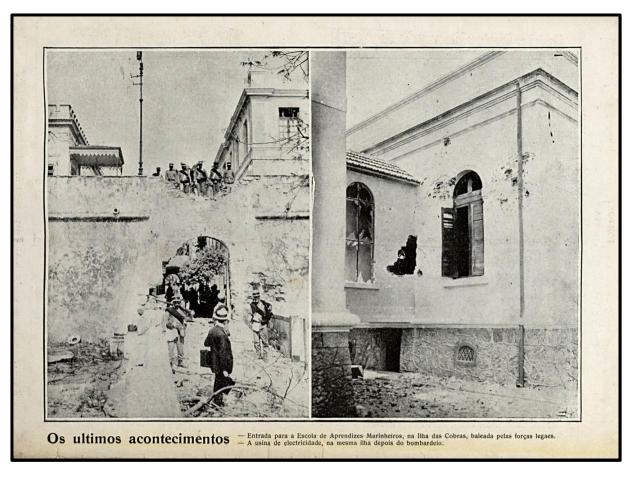












Foram poucas as ilustrações embasadas na arte caricatural publicadas pela revista ilustrada carioca. Uma delas estampou a capa da primeira edição de dezembro, trazendo uma figura feminina que estendia a língua para encostar com a de uma víbora – tradicional simbologia do mal –, em alusão a uma troca de peçonhas entre ambas, além de uma certa invocação do pecado original,

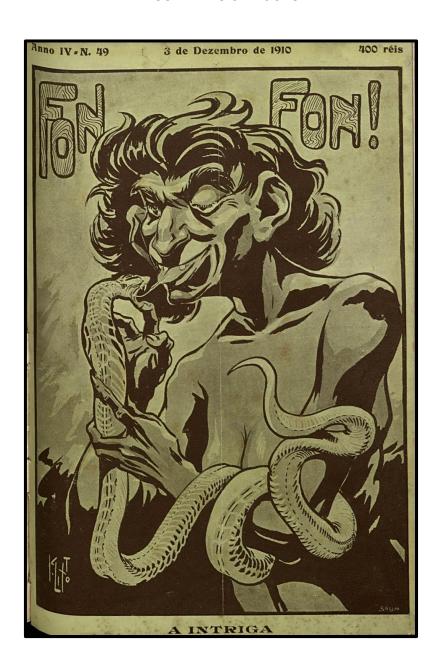
sendo o tema central da gravura "a intriga", levando em conta o clima geral de boataria que tomava conta da Capital Federal por ocasião do conflito bélico entre as forças legais e as rebeldes. Outro desenho traçava um paralelo para o uso das belonaves brasileiras, "para uso externo" e "para uso interno", ou seja, no primeiro caso, o navio de guerra, no exterior, prestava homenagens ao representante do país visitado, com os canhões servindo para saudá-lo, ao passo que, dentro do país, a embarcação de guerra assumia uma feição monstruosa, com os canhões cuspindo fogo para terra e levando o terror à população local, demonstrando a desaprovação em relação aos episódios ocorridos durante a rebelião¹¹³. Mais uma vez se referindo àquele final de 1910 como uma época tenebrosa para o país, a folha indicava mais uma vez que desaprovava tanto as ações insurrecionais quanto a anistia concedida pelo governo, ao se referir aquele momento como um conjunto de "maus dias", além da presença da cruz e da mensagem de "descanse em paz", além da presença de uma figura feminina alusiva à "revolta", sob o peso da rocha da "anistia". O clima funéreo da ilustração trazia consigo uma referência às mortes ocorridas a partir das ações violentas, mas também da própria nação, cujo espírito teria desfalecido frente aos últimos episódios¹¹⁴. A própria imagem diabólica, como sentido do mal extremo, aparecia na capa do magazine, matutando sobre "que peça ainda" poderia "pregar a estes cariocas", no sentido de o que ainda poderia acontecer de pior para a capital do país¹¹⁵.

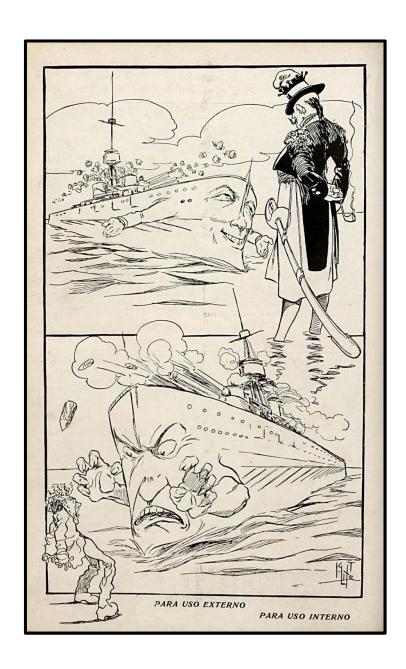
_

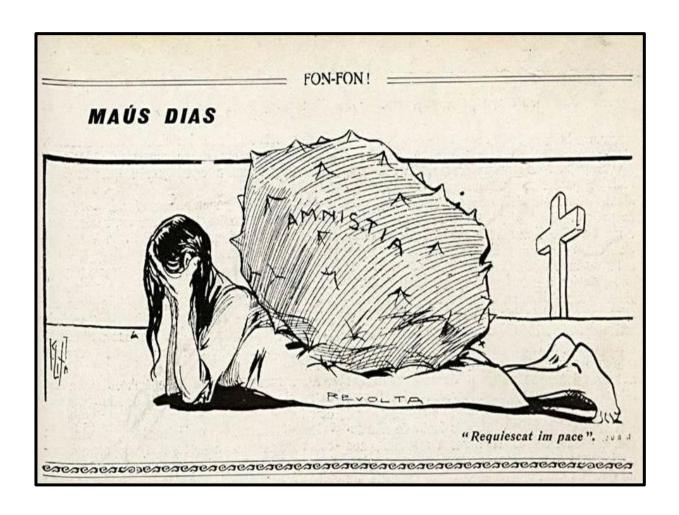
¹¹³ FON-FON. Rio de Janeiro. 3 dez. 1910.

¹¹⁴ FON-FON. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

¹¹⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.









Assim, Fon-Fon buscou dar um caráter predominantemente informativo acerca da Revolta dos Marinheiros, sem deixar de manifestar sua desaprovação para com a rebelião. O principal enfoque pelo qual a revista observou o movimento rebelde foi pelo impacto negativo gerado junto à população, em quadros graves de medo e verdadeiro pânico. Desse modo, qualificava aquele final de 1910 como uma "pesada e assustadora época", com "uma série infinita de boatos aterradores" e "desolados assuntos a tratar", além de múltiplos rumores, "na sua feição terrorista, enchendo as almas de pavor, preocupando os espíritos e atrapalhando a vida", havendo assim o "domínio do boato terrorista e apavorante". Segundo a folha, ainda não tinham cessado os "boatos aterradores", caracterizando como "mal e pesado" aquele "triste fim de ano", de forma que "dezembro perdeu a sua feição alegre", já que "o povo preocupa-se e vive sob uma atmosfera de susto"¹¹⁶. Levando em conta a decretação de um regime de exceção por causa da revolta, o magazine trazia certo sarcasmo em sua mensagem de fim de ano, ao afirmar que "o pior é que Fon-Fon nunca se meteu a desejar felicidades de ano novo em épocas de estado de sítio", de maneira que "ignora, se este voto afetivo e simples está também no número das garantias, cuja suspensão o Congresso votou"117. Os registros textuais mais preocupados em descrever os impactos nomeio urbano e a abordagem predominantemente calcada na fotorreportagem buscavam reforçar uma propalada isenção do periódico diante dos acontecimentos, de modo que perpassaria assim uma

¹¹⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

¹¹⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 31 dez. 1910.

perspectiva mais noticiosa. A pequena inserção da arte caricatural, normalmente associada ao espírito crítico, ia na mesma direção, no intento de evitar maiores polêmicas. Ainda assim, a presença dos atos insurrecionais no magazine carioca tendeu a carregar em si o predomínio de uma avaliação negativa em relação ações dos marujos rebelados.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.









edicoesbibliotecariograndense.com



IBSN: 978-65-5306-051-7